

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



LUMEN SPARGIT

ANO XIII - Nº 19
PIRACICABA - 2022



REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano XIII – nº. 19
Piracicaba – Outubro de 2022

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na
Rua Prof. José Martins de Toledo, 109, sala 01 - Jaraguá
CEP 13403-032, em Piracicaba.

E-mail: academiapiracicabana@gmail.com

Site: academiapiracicabana.com.br

Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:
JOÃO UMBERTO NASSIF (MTB 24 682)

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada
ao Editor no seguinte endereço eletrônico:
E-mail: joaonassif@gmail.com

CONSELHO EDITORIAL:
Evaldo Vicente
Edson Rontani Júnior
Ivana Maria França de Negri
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:
José Vitti

DIAGRAMAÇÃO E CAPA:
Genival Cardoso

PRODUÇÃO GRÁFICA:
Audáxia Agência Gráfica (19) 9 8210-9312
audaxia.adx@gmail.com

★ ★ ★

*Os textos apresentados espontaneamente para esta edição
são de exclusiva responsabilidade de seus autores.*

ÍNDICE

Antonio Carlos Fusatto – <i>Pantaneiro / Unde Malum</i>	7
Aracy Duarte Ferrar – <i>Para Aquietar Sentimentos</i>	11
Armando Alexandre dos Santos – <i>Um piracicabano nos caminhos de Santiago</i>	13
Barjas Negri – <i>Biblioteca Municipal: 83 Anos de estímulo à leitura</i>	21
Carla Ceres de Oliveira Capeleti – <i>Debate-Boca</i>	25
Carmen M.S.F. Pilotto – <i>Sobre Sociedades, Associações ou Grupos Literários</i>	27
Cassio Camilo Almeida de Negri – <i>A orelha do diabo / Entrelinhas</i>	31
Edson Rontani Júnior – <i>O legado de Chiarini</i>	35
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>Escrever é um vício</i>	39
Elisabete Bortolin – <i>As Letras de Piracicaba</i>	43
Ésio Antonio Pezzato – <i>Sombra do passado / Dança do Destino / Em silêncio / Rio Eterno / Declaração de Amor / Crepúsculo / Este Rio / Matinal / Silêncio Vespéral / Noite a Beira Rio</i>	45
Ivana Maria França de Negri – <i>Bodas de Ouro da APL / Escrever por quê?</i>	51
João Umberto Nassif – <i>Gitana</i>	55
Leda Coletti – <i>O dia vai... A Noite Vem...</i>	63

Lídia Sendin – <i>Felicidade / Simplicidade / Travessia</i>	67
Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins – <i>Recantos do meu Recanto / Abnegação</i>	69
Marisa Fillett Bueloni – <i>Casas & Visitas</i>	73
Marly Therezinha Germano Percin – <i>O prazer de lembrar</i>	77
Myria Machado Botelho – <i>Dois universos similares: Euclides e Guimarães Rosa</i>	81
Raquel Delvaje – <i>Cantares da Travessia</i>	85
Sílvia Oliveira – <i>Temporal / Ciclos / Cabala / Saudade</i>	89
Valdiza Maria Capranico – <i>Recordações</i>	93
Vitor Pires Vencovsky – <i>Ser Presidente</i>	95
APL em Ação 2021/ 2022.....	101
Galeria Acadêmica	109

APRESENTAÇÃO

A Academia Piracicabana de Letras (APL) completou seu Jubileu de Ouro no dia 11 de março de 2022. Os acadêmicos estão em festa. A cidade de Piracicaba, também. Os fundadores acertaram ao criar a Academia Piracicabana de Letras em 1972. A lista de contribuições para o desenvolvimento da literatura na cidade é imensa.

A data foi importante para relembrar as principais decisões que ajudaram a construir o caminho da instituição até este dia comemorativo. A história é sempre didática, já que possibilita demonstrar que a construção exige energia e trabalho, além de sonhos, que ajudam a definir aonde se deseja chegar. Se estamos em festa, devemos muito aos que, com seu tempo e dedicação, nos brindaram com suas decisões e ações.

Nesta data tão importante, devemos agradecer pelo trabalho voluntário daqueles que nos antecederam na APL. A união de todos significa troca de experiências, realizações com alcance muito maior e resultados mais significativos.

Esta edição é especial e apresenta as contribuições literárias dos atuais acadêmicos da Academia Piracicabana de Letras. Boa leitura!

Vitor Pires Vencovsky

PRESIDENTE

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO
Cadeira 6 Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

PANTANEIRO

O solitário vaqueiro, em noites estreladas,
abraçado à viola, bem junto ao coração.
Apenas o som dolente o consola,
lembranças do pantanal, sua vida e paixão.

Lembra: do amor remoto;
uma morena pantaneira.
Cabelos cor da graúna, soltos ao vento,
sua linda feiticeira.

Das cavalgadas a seu lado, pelos campos e alagados,
cabelos com cheiro de relva, da bela cabrocha faceira,
de lábios lascivos qual por de sol afogueado,
do aceno de mão, e o rangido da porteira.

Um adeus em cada gesto;
cada beijo, em cada olhar.
Ignorando seus protestos,
precisava partir, decisão o impedia ficar.

Agora: olhar fixo para o céu,
como gostaria de tê-la.
Amá-la na relva rorida,
salpicada de estrelas.

Não mais reminiscências!...
Guarda a viola, precisa esquecer.
Mas, a saudade; forte presença
d'uma ausência, insiste permanecer.

Desesperado, prepara os cavalos decidido voltar,
revezando montaria, pra tempo não perder.
Apenas pausas, pra fome mitigar
e a sede saciar com cuias de tereré.

Por entre palmeiras esguias, como leques
abanando a trilha e suavizando o calor.
Um casco após outro golpeia a terra, chão estremece,
qual couro esticado d'um tambor.

A batida do casco fá-lo lembrar,
o ritmo troante do gado, rumo ao curral.
Cavalgadas pelos alagadiços e matas,
à procura d'algum desgarrado animal.

As lembranças se tornam mais doce,
na medida que, espaço tempo o distancia...
De repente incertezas: como a receberia se o inverso fosse?
Turbilhão açoita-lhe a mente; já em agonia.

Viajou como um rio,
à procura d'um braço de mar.
Porém seu espírito aventureiro, por meses a fio
nunca soube, o que queria encontrar!...

Decidido reconquistar; tudo por ele abandonado,
das desventuras só irá comentar:
Como pude ser tão doido desalmado?...
Só o silêncio sabe; do silêncio falar!..

UNDE MALUM

(“De onde vem o mal?” - Sto Agostinho)

Paris – Novembro de 2015

Dor, assombro, indignação!...
Cabisbaixas, rostos sofridos,
contra palmas das mãos.

Qual rútilos diamantes,
lágrimas passeiam pelas faces,
e, maculam-se ao chão.

Soluçando baixinho e orando,
cada uma à sua crença individual...
Paris, cidade Luz! Vários eventos:
sicários extremistas provocam;
um triste final!...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI
Cadeira 16 Patrono: José Mathias Bragion

PARA AQUIETAR SENTIMENTOS

A sensação de adentrar o espaço envolto com o medo das alturas foi o que senti, ao viajar a sete mil e duzentos metros de altitude numa velocidade média de um mil e quinhentos quilômetros hora. Me senti levemente estressada, para aliviar a tensão resolvi fixar o olhar atentamente no universo, empolgante, lindíssimo, com indescritíveis formações de nuvens, semelhantes às extensas montanhas de algodão com formatos diversos. Esse enfoque desafiador comparando-as com imensos blocos de algodão, foi uma visão subjetiva, porque literalmente definida em física, nuvem é a agregação de vapores mais ou menos condensados em suspensão na natureza.

Relaxada, mudei o enfoque olhando ao inverso, isto é, para baixo, muito distante, percebi a trepidação da imensidão das águas do Oceano Atlântico. Era mesmo o outro lado do mundo: de um lado a crosta terrestre e do outro o oceano. Fiquei pensativa... voltei a observar aquela grandeza a noite, procurando visualizar a lua, e num pequeno espaço de tempo perguntei para mim mesma

— Para quem e por quem foi criado o mundo? Quando teve seu início?

Novamente questiono, silencio e dialogo fazendo a pergunta anterior e concludo. Para os teólogos, filósofos, astronautas, historiadores, cientistas e demais cristãos a resposta será:

— Existe um Ser Superior, Onipotente, Onisciente e Onipresente, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis.

veis. Os não cristãos tristemente responderiam que tudo depende das Leis da Natureza.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO
ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS
Cadeira 10 – Patrono: Brasília Machado

UM PIRACICABANO NOS CAMINHOS DE SANTIAGO

Tive a alegria de reencontrar na Praça José Bonifácio meu grande amigo Ésio Pezzato, membro destacado da Academia Piracicabana de Letras. É poeta, de verdade, não perpetra versinhos de pé quebrado, como muitos poetas-tros que se pretendem poetas, mas compõe boa e sólida poesia, em muitos estilos diferentes e com impressionante fecundidade.

Ésio estava radiante, 10 quilos mais magro e 20 anos mais jovem. Perguntei que fada operara aquele manifesto milagre. Respondeu que estava chegando da Espanha, onde fizera, a pé, os 814 km do famoso Caminho de Santiago.

Recordei, então, a leitura de um livro fantástico, sobre essa histórica peregrinação. Tem como título “*Priez pour nous à Compostelle*” (Rezai por nós em Compostela), e como subtítulo “*La vie des pélerins sur les Chemins de Saint-Jacques*” (A vida dos peregrinos nos Caminhos de Santiago), figurando como autores Pierre Barret e Jean-Noël Gurgand, (Hachette, Paris, 1978, 348pp).

Os dois autores, que fizeram pessoalmente, a pé, o famoso Caminho, compilaram dez relatos de peregrinos de várias classes sociais e provenientes de vários pontos da Europa, que percorreram o mesmo Caminho entre os séculos XII e XVIII. A partir desses relatos (oito dos quais com autores perfeitamente identificados e dois outros, um inglês de 1380 e um florentino, de 1477, com autores anônimos), apresentaram

um estudo minucioso das condições de vida dos peregrinos.

O livro é de leitura extremamente agradável e instrutiva, pois traça um quadro completo da vida real no dia-a-dia dos peregrinos. Transcreve também numerosas poesias e orações antigas, encontradas em antigos devocionários compostelanos. Está incluído no volume o relato circunstanciado, também no dia-a-dia, que cada um dos autores fez de sua peregrinação a Compostela. Isso constitui um complemento muito interessante dos relatos históricos de séculos anteriores.

A obra desde logo me pareceu de grande interesse e atualidade, tanto mais que assistimos, nos últimos anos, a uma sensível revalorização do Caminho de Santiago, atualmente uma das mais procuradas rotas turísticas de todo o mundo. Muitos caminhantes, aliás, não seguem essa rota por motivos religiosos ou de misticismo, mas apenas como esporte ou como superação de desafios. É frequente empresários ou executivos fazerem o Caminho no seu “ano sabático”, para reavaliação das prioridades da vida num contexto de total afastamento das rotinas de trabalho diário.

São Tiago, ou contraidamente Santiago, também pode ser designado como Tiago, Iago, Jacó, Jaime, James, Jacques, Jack, Jacobus, Hagop. É o mesmo nome hebraico Ia’aqob, em formas diferentes, em vários idiomas. Significa “aquele que segura o calcanhar”. O primeiro que o usou foi o patriarca Jacó, que era filho de Isaac e de Rebeca, e era irmão-gêmeo de Esaú. Segundo o Gênesis (25,25), quando nasceram os gêmeos, primeiro veio à luz Esaú, e logo em seguida, segurando com a mão o pezinho do outro, Jacó.

São Tiago, o Maior, foi um dos doze Apóstolos de Jesus Cristo, por Ele escolhidos como colunas vivas da sua Igreja. A designação “o Maior” é para diferenciá-lo de outro Apóstolo, São Tiago, o Menor. Os dois Tiagos, aliás,

eram aparentados entre si, ambos eram primos de Jesus Cristo. São Tiago, o Maior, apóstolo da Península Ibérica, era irmão de São João Evangelista. Seu pai era Zebedeu e sua mãe era Maria Salomé, uma das mulheres que, de acordo com os Evangelhos, acompanhava Jesus Cristo e Lhe prestava assistência e serviços.

A família de São Tiago não parece ter sido pobre. Seu pai era pescador, como São Pedro, profissão que na época se revestia de respeitabilidade. Em termos modernos, poderíamos dizer que era um pequeno empresário da pesca. Sabemos pelos Evangelhos que tinha criados ao seu serviço.

São Tiago foi escolhido como discípulo do Senhor quando, depois de concluída uma pescaria, consertava as redes. Imediatamente ele e seu irmão João deixaram o pai, os criados e as redes na barca, passando a seguir a Jesus Cristo. São Tiago foi o primeiro dos doze Apóstolos a derramar o seu sangue, como mártir, para dar testemunho de Jesus Cristo (Atos, 12,2). Foi decapitado pela espada, por ordem de Herodes Agripa, por volta do ano 42 d.C.

De acordo com uma tradição muito antiga e bem asentada, da qual faz eco, no século VII, Santo Isidoro de Sevilha (Patrística Latina, 83,151), quando ocorreu a dispersão dos Apóstolos pelo mundo, para cumprirem o mandado de Nosso Senhor *"Ide e pregai a todas as nações"*, São Tiago se dirigiu à Península Ibérica, lá esteve algum tempo e, depois, retornou a Jerusalém, onde sofreu o martírio.

Ainda de acordo com relatos antigos, os quais dão base a uma tradição muito sólida, o corpo do primeiro Apóstolo martirizado foi levado de Jerusalém para o porto de Jafa, onde foi embarcado e conduzido por dois discípulos seus até Iria, no Norte da Península Ibérica. Os relatos antigos não esclarecem a razão dessa viagem. Terá, talvez, o Apóstolo determinado, antes de morrer, que seus restos mortais

fossem levados para a terra na qual pregara o Evangelho?

O sepulcro de Santiago em Compostela vem atraindo, há cerca de 1200 anos, intensa veneração por parte dos fiéis; ainda hoje o costume das peregrinações a Compostela permanece vivo.

Que garantias temos nós, que vivemos no século XXI, de que São Tiago tenha realmente estado na Península Ibérica, e que o corpo antiquíssimo lá venerado seja realmente o seu? Respondo que foram muito sérios e bem feitos os exames acerca da autenticidade das tradições locais e da autenticidade das relíquias.

Muita gente superficial, desde o século XVIII, quando os iluministas e racionalistas criaram a moda de contestar por sistema veneráveis tradições e relíquias da Igreja Católica, passando pela historiografia positivista do século XIX e pela marxista do século XX, questionou a autenticidade das tradições e das relíquias compostelanas.

A realidade, porém, é que Roma, de acordo com seus costumes, determinou rigorosíssimas investigações arqueológicas e históricas, e pôde, assim, confirmar tudo aquilo que, desde uma época perdida na noite dos tempos, se afirmava por tradição, na Península Ibérica, sobre o fato de São Tiago ali ter estado, no século I de nossa Era, sobre seu martírio em Jerusalém, sobre a transferência de seu corpo para o Norte da Espanha ainda no mesmo século, bem como sobre o fato de seu corpo ter sido ocultado, quando da invasão maometana e ter sido, mais tarde, reencontrado.

Transcrevo a seguir, traduzindo da conceituada “Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana”, mais conhecida como “Enciclopedia Espasa-Calpe”:

“Fez-se um rigoroso processo, coligindo-se provas e dados, intervieram historiadores e arqueólogos eminentes, foram

questionados e discutidos documentos, datas e citações, fatos e conjecturas, com uma abundância de minúcias quase incrível. O processo foi enviado a Roma, que [, não satisfeita,] ordenou novas inquirições, novos testemunhos até que, por fim, o Papa Leão XIII, pela Encíclica Deus omnipotens, de 1º de novembro de 1884, ratificou e confirmou a sentença da Comissão especial da Sagrada Congregação de Ritos, na qual se declaravam autênticas as relíquias de Santiago e de seus discípulos Atanásio e Teodoro”.

Nos primeiros séculos da Era Cristã, a Península Ibérica esteve sob o domínio do Império Romano, e o cristianismo era proibido e punido com pena de morte, o que fazia com que, obviamente, as práticas dessa Religião fossem discretas e quase secretas.

Mesmo mais tarde, quando o Cristianismo foi autorizado e até se tornou religião oficial do Império Romano, havia graves perturbações no local, inclusive por causa do arianismo, heresia condenada pela Igreja, mas muito disseminada entre Suevos e Visigodos, povos que então habitavam a região.

Quando, no início do século VIII (mais precisamente no ano de 711), os maometanos invadiram a Península Ibérica e destruíram o reino visigótico, em Covadonga, nas Astúrias, restaram uns poucos guerreiros cristãos, reunidos em torno de Pelayo, e de lá teve início a Reconquista ibérica, que haveria de durar quase oito séculos, até a final queda do reino mouro de Granada, em 1492, no mesmo ano da chegada de Colombo à América.

As relíquias de São Tiago foram ocultadas numa caverna, por ocasião da invasão maometana, e ali ficaram guardadas durante cerca de um século. Somente no início do século IX foram reencontradas, juntamente com documentos autênticos que certificavam realmente tratar-se dos despojos do grande Apóstolo. A essa altura, já se

encontrava Compostela libertada dos invasores, e as relíquias do Apóstolo foram reconduzidas à sé catedral. Desde esse reaparecimento se intensificaram as peregrinações a Santiago de Compostela, num ritmo sempre crescente. Foi então que surgiu, em um novo ciclo histórico, dentro de um contexto completamente diferente, o costume das peregrinações compostelanas, com o famoso Caminho de Santiago.

Depois de expor com pormenores o rigor do processo arqueológico e histórico determinado por Roma, em fins do século XIX, para examinar e, por fim, aprovar a autenticidade das relíquias de Santiago, a respeitada Enciclopédia Espasa-Calpe prossegue:

“Durou por volta de três séculos o período de maior esplendor das peregrinações a Santiago de Compostela, desde o final do século XII. Essa peregrinação a Santiago foi uma das mais importantes de todo o mundo. Os devotos acorriam a Santiago como a Roma ou a Jerusalém. As caravanas seguiam ordinariamente pelas antigas estradas romanas. Não eram somente espanhóis os peregrinos que acudiam ao Santuário, mas eram muito numerosas e nutridas as peregrinações formadas no estrangeiro. A Inglaterra fornecia grande contingente de peregrinos e os da França eram tão numerosos que o caminho que seguiam e a porta pela qual entravam em Santiago eram conhecidos com o nome de Caminho e Porta dos Francos”.

De fato, naqueles tempos remotos em que não havia imprensa, em que as comunicações eram difíceis e toda a economia se processava a nível local, muito pouca gente viajava. A imensa maioria das pessoas nascia, vivia e morria nos mesmos locais, sem nunca verem terras e ambientes novos. Havia mercados locais e, quando muito, feiras regionais. As notícias demoravam muito para se espalharem, pois além do analfabetismo generalizado não havia

sistemas regulares de correio. Tudo isso era impensável. Para nós, hoje em dia, habituados à extrema facilidade das comunicações, é difícil entender o mundo daquele tempo. Mas ele era assim...

Dentro desse grande quadro de estabilidade e quase de imobilismo, as peregrinações religiosas representavam o elemento de variedade, de mobilidade, de novidade. Os peregrinos medievais desempenhavam, portanto, uma função social importantíssima, como instrumentos de difusão de cultura popular, de lendas, de tradições, de ensinamentos, de ditos e histórias que iam sendo passados de geração em geração.

Eram frequentes, na Idade Média, as peregrinações a santuários, de pessoas que desejavam obter o perdão de pecados que haviam cometido, ou desejavam atrair as bênçãos de Deus sobre si próprias e sobre suas famílias.

Havia também pessoas corajosas que empreendiam as peregrinações com desejo de aventuras, para conhecer novos ambientes. Não havia, quase, naquela fase da Idade Média, pessoas que fizessem essas viagens por motivos meramente econômicos ou comerciais. As rotas de viagem, aliás, eram tão perigosas e inseguras que não seria prudente transportar grandes valores por elas. Somente no final da Idade Média e começo da Renascença se intensificou o comércio entre as províncias de um reino e entre os diversos reinos, constituindo-se os primeiros bancos e grandes casas de comércio.

Compreende-se que, naquelas circunstâncias, os peregrinos que passavam por um lugarejo contando novidades, relatando fatos que haviam observado ou ouvido contar, representavam uma distração e uma fonte de conhecimentos muito considerável. Eram, pois, não só por piedade cristã e por devoção, mas também pelo gosto de

ouvi-los e com eles aprenderem coisas novas, bem recebidos por todas as partes. Muitas vezes os habitantes dos vários locais, desde nobres castelões até pessoas simples do povo, disputavam a honra de acolher um peregrino. Sim, acolher um peregrino era uma honra. E o costume da hospitalidade, que se espalhou por toda a Europa Cristã e de lá veio para o Brasil, aqui se fixando e aclimatando, tem remota origem nos peregrinos medievais.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO BARJAS NEGRI
Cadeira 5 Patrono: Leandro Guerrini

BIBLIOTECA MUNICIPAL: 83 ANOS DE ESTÍMULO À LEITURA

Em 02 de maio de 1939, o prefeito Ricardo Ferraz de Arruda Pinto criou a Biblioteca Pública Municipal. Implantada em espaço cedido pela Câmara de Vereadores, tinha por objetivo estimular a leitura dos piracicabanos, em especial de seus estudantes. Em sua justificativa escreveu “... a cidade tem copioso número de estudantes, os quais têm necessidade absoluta de conviver com os livros ... onde todos podem buscar ensinamentos úteis e sadios ... “ Seu primeiro diretor foi Leandro Guerrini, membro importante da Academia Piracicabana de Letras (APL). Era a primeira do interior do Estado e durante muitos anos foi sendo levada para vários prédios cedidos, alugados, improvisados. Mesmo assim, sempre cumpriu sua função cultural e educacional. Em 1991, pela Lei Municipal nº 3303, foi denominada Biblioteca Pública Municipal “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”, em homenagem ao seu criador. Com a eleição de Mendes Thame como prefeito, entre 1993 e 1996, havia na Administração Municipal vários professores universitários: o próprio prefeito Thame (Esalq/USP); Humberto de Campos, vice-prefeito e secretário municipal de Educação (Esalq/USP); Carlos Hoppe Fortinguerra, que presidia o Fundo Social de Solidariedade (Unicamp/FOP) e eu, secretário municipal de Planejamento (Unimep, Unicamp e IE). Tínhamos o firme compromisso de viabilizar um dos pontos do Plano de Governo que era encontrar condições adequadas para a Bi-

biblioteca Municipal, tirando-a dos espaços inadequados. Assim, em 1993, a Administração municipal criou uma comissão de técnicos e especialistas para encontrar alternativas para a instalação de uma sede própria para a biblioteca, observando as restrições orçamentárias da época. Três locais foram analisados: um Barracão do Engenho Central, o subsolo da área do Comurba na praça José Bonifácio ou o subsolo da antiga Prefeitura, onde ficava o Arquivo da Prefeitura, na rua São José, Centro da cidade. A primeira alternativa recaía no subsolo do Comurba por estar na área central, facilitando a visita e a frequência. Havia até a sugestão de implantação de uma escada rolante e a criação do Espaço para a Juventude. No entanto, por dificuldades técnicas e pelos elevados custos, não prosperou. A segunda possibilidade era aproveitar um dos barracões do Engenho Central, mas a falta de infraestrutura – piso, iluminação pública, rede de abastecimento – e as dificuldades técnicas para reformar e modernizar a estrutura, tornavam seus custos elevados. A comissão apontou, ainda, outras dificuldades levantadas por especialistas: a proximidade com o rio Piracicaba, a baixa temperatura e a umidade do local. Esse conjunto de condições traria, ao longo do tempo, problemas para os livros e revistas em papel. Desaconselhada, também não prosperou. A opção mais prática e que envolveria menos recursos foi aproveitar o subsolo do antigo prédio da Prefeitura. Demandaria poucos investimentos para a troca do piso, melhoria da parte elétrica e hidráulica, colocação de vidros em parte de suas paredes, pintura geral e a instalação de uma porta para rua do Rosário, fazendo a integração com um novo jardim que seria implantado. Tomada a decisão pelo prefeito Mendes Thame, alugou-se um prédio para abrigar o Arquivo e, em alguns me-

ses, foi realizada a reforma/adaptação. Ainda não era o ideal, mas as instalações da Biblioteca Municipal ficaram mais adequadas e foram utilizadas por mais de 15 anos. Mesmo com boas instalações na rua do Rosário, havia dificuldades para sua expansão, já que o prédio partilhava espaço com a Guarda Municipal, Câmara de Vereadores e órgãos administrativos do Executivo. Era preciso encontrar uma solução definitiva para a acomodação daquele acervo. Com a nossa posse como prefeito, em janeiro de 2005, essa questão passou a fazer parte da agenda da administração. O novo presidente do Ipplap, arquiteto João Chaddad, a secretária da Ação Cultural, Rô Camolese e os secretários de Obras, Paulo Prates e Arthur Ribeiro, desenvolveram estudos e pesquisas para a implantação de uma biblioteca moderna, bem equipada e com tecnologia para atender a demanda e o desenvolvimento da cidade. O local escolhido foi o quadrilátero do antigo Parque Infantil, fechado há muito tempo por falta de demanda. Sua localização: o quadrilátero das ruas Saldanha Marinho, Vergueiro e Campos Salles, na área central facilitaria o acesso. A ideia era valorizar o espaço abandonado, dando nova dimensão à Biblioteca Pública Municipal. O projeto foi concebido e doado à Prefeitura pelo arquiteto João Chaddad e todo detalhamento técnico desenvolvido pela equipe técnica do Ipplap. Os recursos para as obras foram obtidos numa articulação com o presidente da Câmara, vereador João Manoel dos Santos, que remanejou o Orçamento do Legislativo e o colocou à disposição da Prefeitura para a construção do novo prédio. Nosso compromisso era ceder as antigas instalações à Câmara. Com essa parceria, a Câmara não precisaria investir na ampliação de suas instalações. Vencidas todas essas etapas, em 29 de outubro de 2010, no Dia Nacional do Livro, a cidade recebia as novas ins-

talações da Biblioteca Pública Municipal “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”. Um edifício moderno, arrojado, com iluminação natural, dependências e serviços projetados para atender seus frequentadores e acomodar mais de 100 mil livros e revistas. Nesse período foi importante o trabalho de suas diretoras Lucila Silvestre, principalmente na discussão do projeto e, depois, Rosana Oriani, que ficou à frente da biblioteca por mais de 10 anos. Ao mesmo tempo, todo entorno foi valorizado com a reconstrução da creche Dona Mimi e a implantação da Praça Cacilda Cavaggioni. O quadrilátero de 10 mil m² foi realmente engrandecido. A partir desse momento, começou o trabalho para a digitalização de todo acervo. O espaço também ganhou uma sessão infantil, outra em braile e, ainda, um auditório capaz de acomodar 100 pessoas. Agora, em 2022, ela completa 83 anos de criação, sendo 12 em sua sede própria em benefício da cultura piracicabana e de seus milhares de estudantes e leitores curiosos. Passados dois anos da pandemia do coronavírus, o Auditório tem sido palco de várias apresentações culturais, lançamentos de livros de autores piracicabanos, superlotando o espaço, ampliando a frequência nos eventos e na própria biblioteca. Como frequentador da biblioteca enquanto estudante da EE Sud Mennucci e depois em cargos públicos municipais – secretário, vereador e prefeito – tenho muito orgulho de ter participado dessa história. Este artigo foi escrito especialmente para publicação na Revista da Academia Piracicabana de Letras, em homenagem aos seus 50 anos, aos acadêmicos, seus dirigentes e colaboradores.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA**CARLA CERES DE OLIVEIRA CAPELETI**

Cadeira 17 Patrono: Virgínia Pratta Gregolin

DEBATE-BOCA

Recentemente acompanhei um debate perfeito, do tipo que, por pouco, não descambou pro bate-boca. Desse espetáculo empolgante, retirei instruções para quem quiser promover um evento ainda melhor. Providencie mesa, plateia, dois debatedores com vocação para o estrelato e um bravo mediador.

Instruções:

- 1 - O tema do debate não tem importância nenhuma. É válido ignorá-lo e partir direto para a autoglorificação descarada.
- 2 - Irritar o oponente é a lei.
- 3 - Ganha o debate quem se mostrar mais controverso e/ou aloprado.
- 4 - Vale xingar a mãe, desde que seja a própria.
- 5 - Não vale chutar o oponente por baixo da mesa, porque pode atingir o mediador.
- 6 - Cabe ao mediador salvar-se como puder, enquanto atua como barreira seletiva, permitindo agressões verbais e impedindo as físicas.

- 7 - Seduzir a plateia faz parte do jogo. Convocá-la para uma briga de torcidas é opcional.
- 8 - Carícias por baixo da mesa, para seduzir o oponente ou o mediador só serão permitidas se a mesa não tiver toalha. A plateia tem o direito de acompanhar o debate a fundo.
- 9 - O mediador tem o direito de sentar-se em posição de lótus, sobre a cadeira, para evitar chutes. Pode, também, usar tapa-sexo de titânio contra golpes baixos (amorosos ou não).
- 10 - O bom debate deve terminar com promessas de “Te pego na saída...” que podem continuar de três modos:
- a) “...pra comer uma pizza.”
 - b) “...e te quebro a cara.”
 - c) “...e te beijo na boca.”

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN M.S.F. PILOTTO
Cadeira 19 Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

SOBRE SOCIEDADES, ASSOCIAÇÕES OU GRUPOS LITERÁRIOS

“As interações sociais entre os humanos estabeleceram uma ampla variedade de valores, normas sociais e rituais, que fortalecem a sociedade humana.” Recorte de explicação sobre Humano da Wikipédia”

Estudos psicológicos revelam que a fala é uma habilidade humana, mas a leitura e a escrita devem ser aprendidas.

Sobre as questões referentes aos primórdios das Academias de Letras, se vieram de Platão ou de Coimbra, há de se compreender que são apenas referenciais históricos que devemos conhecer e admirar; são apenas o ponto de partida para formações que persistem até a atualidade.

O tempo é incontavelmente evolutivo e transformador. O que encontramos hoje é um grupo de amigos de pensamentos diversos, conhecedores dos universos literários, mas que se deparam com uma sociedade multidisciplinar que foge ao controle que todo e qualquer cientista que desejasse traçar um perfil ou receita a ser seguida na melhoria dos níveis culturais e intelectuais desta sociedade que agora convivemos.

Um ambiente muito plural, cheio de heterogeneidades que escapam ao nosso entendimento. Estamos frente ao famoso choque de gerações, intensamente vigoroso e difícil de transpor. É como se estivéssemos em um universo mental plano (segunda dimensão) e os jovens estivessem

presenciando tudo em quinta dimensão... um abismo colossal que tentamos alcançar a duras penas.

E ainda entraremos no universo do metaverso, da internet das coisas, da conexão 5G e tantas outras terminologias que giram ao nosso redor como monstros tecnológicos de uma era futurista que tentamos captar, porém não nos deixa mais confortáveis para uma interação de escritor para leitor.

Como organismos culturais, com crenças e valores que foram o ponto alto de nossa geração, lutamos para manter coletivos que internalizam nossos sentimentos.

A afetividade nos une. Com os recursos parcos que nos restam, de um idealismo intrínseco de nossas almas, propagamos textos em jornais, revistas, reuniões literárias, grupos de *WhatsApp*, exposições literárias, livros diversos, concursos, saraus e outras ações.

É uma maneira de ver o mundo, a realidade através de nossa subjetividade, com o foco particular do atual momento histórico.

Talvez em um recorte do futuro, em registros digitais, sejam captados o pensamento e a narrativa da geração que representamos, da situação política, social e cultural da época em que nos encontramos.

A voz não pode calar, a palavra não pode se desvanecer em intenções não partilhadas pelo temor da incompreensão. Mesmo que de forma simplista, o alimento que move intelectualmente o ser humano é algum tipo de ficção ou pensamento escrito, registro da sociedade que representamos.

A Literatura é um dos pilares da construção do mundo. Humaniza, amplia horizontes, melhora a Cultura de uma cidade, de um estado e de uma Nação.

Podemos afirmar e questionar, sonhar ou denunciar,

lutar ou incentivar. Calar em nenhum momento! Jamais!

Vamos como formiguinhas manter o papel de formadores de personalidade e pensamento crítico. Mesmo com uma narrativa simples, malhando como forja em ferro duro, em situações pontuais, sutilmente, como Quixotes enfrentando seus moinhos imaginários.

Podemos manter grupos literários vivos, como uma força de resistência que demonstre seu pertencimento ao Livro e a Palavra, que tragam sentido aos que de fora observam a coesão dos membros pelos interesses nobres afins.

A honestidade, o respeito aos valores humanos, o valor da cultura, podem ser bandeira viva, como um espelhamento de valores morais tão carentes à sociedade contemporânea.

Que a Academia Piracicabana de Letras, em seus cinquenta anos, cultive com determinação ideais de nobreza, gerando ações no exercício da tolerância, da flexibilidade, da reflexão, da cidadania, da beleza estética, da libertação da escravidão das tecnologias e que promova indiscriminadamente a potencialização de ações em favor da Educação do Brasil.

Vida longa aos Acadêmicos, com Fé, Vigor e Determinação!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO

CASSIO CAMILO ALMEIDA DE NEGRI

Cadeira 20 Patrono: Benedito Evangelista da Costa

A ORELHA DO DIABO

O caso, dizem que se passou na Idade Média, no século XII, num reino a meio caminho da Europa e Oriente Médio.

Era pequeno, passagem dos Templários, que iam em direção a Jerusalém, libertá-la a golpes de espada, matando em nome de Cristo todos os que fossem discípulos de Maomé.

Nesse reino existia uma príncipe cruzado, que tanto ódio tinha dos infiéis da crescente que fez um pacto com o Diabo, no intuito de ser o maior cavaleiro, aquele que mais mataria os homens de turbante e empenhou sua alma nesse trato.

Assim aconteceu. O fio de sua espada trespassou e degolou milhares de inimigos sarracenos. Nunca foi sequer ferido nas batalhas e voltou como herói.

Numa noite em seu castelo, já bem tarde, quando a vela havia derretido totalmente, deixando no ar um odor de sebo, com suas pálpebras já derrubadas pelo vinho do banquete, vê Belzebu no pé da sua cama a cobrar a promessa.

Desesperado, em meio ao odor de enxofre e chifre queimado, implorou ao capeta para que não o levasse. Faz novo trato, no qual constava que voltaria ao campo de batalha e se proporia a perder apenas uma orelha, mas não a alma.

Para sua surpresa, o demo aceita.

De volta da última batalha, lá veio ele sem a orelha esquerda.

Cansado de guerras e tratados, resolve se casar e viver mais tranquilo dedicando-se à caça, banquetes, à amada, aos filhos e aos tempos passados.

Numa das caçadas, se perde dos companheiros e é aprisionado por tuaregues, que, vendo um príncipe branco cheio de jóias, resolvem sacrificá-lo aos deuses.

Ao despi-lo para o banho que antecedia ao sacrifício, viram que faltava a orelha esquerda.

Achando que os deuses não aceitariam a oferta por causa do defeito e se irritariam, resolvem soltá-lo.

E lá veio ele, nu, correndo pela floresta de volta ao seu castelo a pensar na orelha e no Diabo.

Ora bolas, fora salvo pelo Demo...Então o Diabo era Deus?... Ou Deus usou o Diabo para lhe dar lições?

O fato era que estava sem orelha, mas vivo!

Até hoje, quando cogumelos crescem no pau podre, dizem ser aquela orelha do Diabo que se multiplicou...

ENTRELINHAS

Um texto é formado de um “corpo” e de uma “alma”, assim como nós.

Nas linhas reside o corpo, que é estático e mortal, não sofre metamorfose.

Nas entrelinhas reside sua alma, muito dinâmica, e por isso vive se metamorfoseando. É a essência do imortal.

Um texto técnico não dura muito tempo, e seus livros se tornam obsoletos, ultrapassados, são sem “alma” e por isso, jogados fora.

Ao contrario, um texto com “corpo” e “alma”, com entrelinhas, torna-se perene, pois cada leitor, conforme seu conhecimento, tem um entendimento diferente.

Até a mesma pessoa, quando lê o mesmo texto em diferentes fases da vida, tem um entendimento modificado, às vezes mais profundo, descortinando mais e mais seu lado oculto, sem no entanto, nunca descobrir totalmente o que quis dizer a alma do escritor. E nisso está a beleza dessas entrelinhas, que os críticos literários, muitas vezes com ares doutos, de que tudo entendem, querem erroneamente dar a interpretação final.

Como dizia o famoso pintor Salvador Dali: “os críticos querem explicar o que significam minhas pinturas, mas nem mesmo eu sei...”

É o que acontece com as entrelinhas. Talvez por isso que as parábolas de Jesus tenham durado tanto tempo.

Seu lado oculto permite a interpretação ao pé da letra pelos profanos e das suas entrelinhas pelos iniciados, mesmo que não totalmente.

Essa é a beleza das artes, seu lado oculto mutante nas entrelinhas.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EDSON RONTANI JÚNIOR
Cadeira 18 Patrono: Madalena Salatti de Almeida

O LEGADO DE CHIARINI

Era uma noite fria. Sala lotada. Local : um dos prédios centenários da Unimep, Centro, hoje Instituto Piracicabano. O ano era 1988. Graduandos em comunicação social se acotovelaram numa sala que se tornou pequena para ouvir os estudos do folclore brasileiro. Era inverno. Era agosto, mês do folclore. A plateia ouvia silenciosamente as palavras de um senhor de estatura mediana, calvo. João Chiarini se apresentava na ocasião para estudantes de jornalismo e publicidade/propaganda. Talvez tenha sido esta uma de suas últimas aparições públicas, já que Chiarini faleceu semanas depois.

Foi um dos únicos contatos que mantive com tão impoluto personagem de Piracicaba. Irrequieto diriam uns. Controverso diriam outros. Comunista, apregoava ele com muito orgulho. Deixou amigos, deixou desafetos. Gerou admiradores. Plantou uma sementinha que gera sombra em seus 50 anos de vida. Esta árvore que traz frutas e sombra e a Academia Piracicaba de Letras, criada em 11 de março de 1972, durante solenidade realizada na Faculdade de Odontologia de Piracicaba, quando esta ainda funcionava na rua Dom Pedro II esquina com a rua Alferes José Caetano. Entre idas e vindas, sem local definido para funcionar, a Academia tinha – e ainda hoje tem – o objetivo de estimular a escrita e a leitura. O desafio hoje é criar leitores para obras que sejam “fast food” como as mídias digitais apregoam mundo afora. Nos primeiros meses de 2022, um tradicional jornal da capital paulista, mancheteou “TitkTok

vira trincheira digital e molda narrativa da guerra". Difícil é ser erudito numa ferramenta digital em que dedilhamos com os polegares e recebemos informações sem qualquer tipo de filtro criterioso.

A Academia Piracicabana de Letras, ao contrário da Academia Brasileira, não possui imortais. São associados que gostam de prosa, poesia, literatura, história, jornalismo ... Não tomam o chá das cinco, muito menos recebem os jetons propagados durante as posses de Fernanda Montenegro e Gilberto Gil. Seguem a estrutura primordial de propagar a escrita, renovar a leitura, reler para os mais jovens antigos escritos numa linguagem que atinja de crianças a adultos. A literatura mudou. A escrita mudou. Informa-se hoje mais pelo digital que no papel. Mas é bom lembrar que os pensamentos mais aprofundados ainda se encontrem na velha folha branca.

Chiarini sempre buscou ser incontestado. Mas precisava do apoio da sociedade. Partia em busca dos mecenas que patrocinassem as atividades da Academia Piracicabana de Letras. Nos anos 1970 e 80, a entidade chegou a ter cerca de 350 membros, incluindo Jorge Amado (padrinho de casamento de Chiarini) e o ex-presidente JK. Chiarini partiu e o ideal foi seguido por pessoas como Miguel Ciavarelli, Henrique Cocenza, Haldumont Ferraz e Maria Helena Corazza. Foi na gestão do Cocenza, na década de 2000, que a Academia reformou seu estatuto e passa a seguir moldes internacionais como a Academia Francesa de Letras. Estipula 40 cadeiras, com patronos falecidos, ocupadas por 40 membros que dedicam àquilo que se propõe a entidade: leitura e escrita. Os membros não entram por querer. São convidados devido à sua atividade diante da sociedade.

O cinquentenário deveria ser mais longo. A Academia poderia estar com seus 60 anos de vida. Isso porque a

sessão magna de sua criação ocorreu em 1972, mas extraoficialmente ela já existia nos corredores de “O Diário”. A história mostra também que o anseio de criá-la remota aos estudos comemorativos ao bicentenário de Piracicaba em 1967, quando surgiram entidades como o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e atividades culturais como a EXFINUPI (Exposição Filatélica e Numismática de Piracicaba). Antes mesmo, Chiarini montava grupos literários em sua Livraria Pilão, na Galeria Gianetti. O certo é que a sombra da semente plantada por Chiarini criou ramificações que propagam e perduram o jeito piracicabano de ser.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA

ELDA NYMPHA COBRA SILVEIRA

Cadeira 21 Patrono: José Ferraz de Almeida Júnior

ESCREVER É UM VÍCIO

Escrever talvez seja em alguns casos uma espécie de fuga, uma maneira de transmutar a rotina do cotidiano, numa forma de desabafo ou, quem sabe, uma necessidade de autoafirmação e uma válvula de escape.

Mas particularmente, além de ser uma atividade que me faz pensar um pouco, extravasando por palavras meus pensamentos sinto um vigor que está me escapando com o passar dos anos, deixo de pensar no triglicérides, pressão alta, diabetes, que não são mais problemas do cotidiano porque os remédios por si só tentam resolver.

Como não tenho compromisso com o trabalho, nem filhos pequenos, posso escrever a qualquer hora. Até certa noite meu filho percebendo que eu estava no computador, mandou-me essa mensagem pelo whatsapp:- Vá dormir veinha!

Ler é um grande prazer, mas escrever tornou-se um vício e também um derivativo para minha vida! Escrever é um ato solitário e prazeroso, e procuro nem saber se tenho muitos leitores, alias sei que os tenho, pelo menos os mais amigos, nem sei se têm algum valor literário, quando ganho um premio seja num conto ou poesia, já me basta!

O que importa mesmo é escrever, mas não adianta se sentar em frente do computador à espera de um tema, porque é em vão! As ideias vêm quando menos se espera, o assunto chega todo lampeiro e sub-repticiamente vai despertando à medida que os dedos em euforia vão dedi-

lhando no teclado. Não escrevo mais com caneta porque na empolgação minha letra se torna igual à dos médicos nem eu mesmo consigo entender!

Às vezes, e muitas vezes também acompanho uma palestra no YouTube e gostaria de poder abordar àquele assunto com meus leitores mas é tão complexo que não consigo guardar seu conteúdo e também a veracidade do tema, porque muitos são fakenews e precisamos ter responsabilidade para passar uma notícia que muitas vezes é duvidosa, por falta de provas.

Os cientistas só acreditam se tiverem provas, assim a maioria deles é questionada se acreditam num ser supremo criador de todas as coisas, e indubitavelmente põem em dúvida, porque não há provas matemáticas. A fé explícita e dá provas da presença de Deus na natureza, e em tudo que permeia nossa Terra e todo universo, com seus planetas, galáxias e estrelas e muitos outros corpos celestes.

Não podem ser confrontados cientistas, ufólogos, religiosos de várias igrejas num mesmo palco, pois cada um tem sua verdade, muitos não querem saber por medo, ou por acomodação, rebeldia e mesmo fanatismo por qualquer ensinamento arcaico, devemos ter a mente aberta, porque a vida está girando celeremente e muitos conceitos foram mudando, mas a fé existe embora não seja palpável, depende de acreditar!

Se você procurar na Bíblia, veremos que a fé evidenciou muitos personagens religiosos.

Se existe ou não vida em outros planetas, a NASA está estudando com muito apuro e senso! Eles até sabem de muita coisa, mas está dando um tempo para os humanos aceitarem, mas pelas evidências, não querem despertar pânico, ondas de terror por pessoas mal preparadas.

Penso que se eles chegarem nos comportaremos atô-

nitos como os índios do Brasil com a chegada das naus dos descobridores, foi um confronto assustador de ambas as partes.

Também atravessar o oceano era uma coisa impossível, porque diziam que cairíamos no abismo do horizonte onde deveria haver monstros marinhos aterradores.

Hoje estamos desmistificando pontos de vista que antes eram sagrados para todos nas ciências, filosofias, educação, religião, alimentação, saúde, história, até geografia com seus mapas.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELISABETE BORTOLIN
Cadeira 7 Patrono: Helly de Campos Melges

AS LETRAS DE PIRACICABA

De onde surge a inspiração para construirmos um poema, um conto, um romance, um ensaio científico sobre as várias fases da literatura? Um dom? Uma Inspiração? Uma boa história contemporânea ou antiga?

De tudo, um pouco. Mas, sobretudo a disciplina que se consegue, especialmente, com as leituras que fizemos da infância à maturidade. Dos personagens que nunca vimos como o Saci Pererê, aos super-heróis dos quadrinhos, do teatro, do cinema. A quem lê, sobram sonhos e a imaginação que vai tecendo a teia tênue, como escreveu o poeta João Cabral de Melo Neto: “que se agiganta com o canto do galo que anuncia a manhã”.

Do poema ao cinema, vale lembrar outro exemplo singular. A “Sociedade dos Poetas Mortos” protagonizada pelo ator Robin Willians, na figura de um professor de literatura, que estimulava seus alunos a viverem cada dia, de forma intensa, “Carpe Diem”, a ponto de se reunirem numa gruta para lerem poesia e pensarem a vida.

Portanto, “poetas e teias”, são singulares nas trajetórias literárias. Em especial, quando elas sinalizam o viver em sociedade. E para esse viver é preciso respeitar diferenças, olhares, percepções das quais a literatura é um dos mais criativos desafios.

Quando foi criada em Piracicaba, há 50 anos, a nossa Academia Piracicabana de Letras, prestou-se a fomentar o campo literário local, juntou diferenças, construiu unidade singular sob olhares e canetas diversos, deu vazão aos so-

nhos múltiplos, publicou e estimulou a todos acadêmicos intensamente a produzirem individual e coletivamente, catalisou e harmonizou falas, pensares, estilos e sedimentou, ao longo de décadas, o que hoje somos e representamos.

Com nossas escritas e sonhos, fomos coletivamente construindo essa história de 50 anos. Respeitando nossas diferenças e gostos, investindo em olhares consolidados ou abrindo espaços para principiantes, investindo nas nossas amizades e, quando possível, saltando das barrancas do rio Piracicaba, para que nossa produção ganhasse novos limites.

E portanto, no meio dessa “teia tênue”, nervosa, agitada e competente, que chegamos até aqui sonhando, transformamos sonhos em versos, contos, encantos. Juntando gente e espalhando fraternidade entre todos nós. E como essa convivência com todos nos faz bem!

Meus cumprimentos a todos que ajudaram a construir essa história.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ÉSIO ANTONIO PEZZATO
Cadeira 31 Patrono: Victório Ângelo Cobra

SOMBRA DO PASSADO

Venho te visitar, velha casa, onde outrora
O Povoador Barbosa arquitetou seu plano
De construir aqui – com fulgores da aurora,
Este marco maior do piracicabano!

Deixo as portas de par em par abertas, fora
Fica o calor do sol, o Rio soberano,
Aves em sinfonia, um sonho em luz que irrorra,
Uma festa de cor, um delírio, um arcano...

Mistérios mil aqui, ali... olhando em volta
Há nuvens de mistério, enquanto o belo Rio
Embeleza a cidade e inspirado se solta...

Estupor, frenesi, delírios mil – em tudo
A sombra do passado é lúcido arrepio,
Que este Panteon contemplo e fico mudo, mudo.

DANÇA DO DESTINO

Na sombra do passado existe a luz fremente
Que nosso ontem clareia em luminosidade.
– Um passo para a frente e a luz incandescente
Seu foco na distância enevoa em saudade.

E preso, o coração, na sensibilidade,
A luz é uma lembrança às vezes displicente.
Faz sorrir, faz chorar, traz luar, claridade,
Traz ilusão, traz sonho e tudo num repente.

Essa luz que clareia é a mesma luz que nega:
Não apaga o passado e mesmo à fé mais forte
Esquecê-la é demais e ninguém a renega.

Do passado a lembrança é uma vontade viva.
Se às vezes lembra a vida, às vezes lembra a morte,
– Essa luz imortal faz nossa alma cativa.

EM SILÊNCIO

Em silêncio contemplo essa beleza imensa
Que fulgura ao olhar deste Poeta caipira.
E dos lábios murmuro uma suave crença
Enquanto ao derredor tudo canta e suspira.

No peito o coração toma a forma de Lira
E tece a esta visão, versos em recompensa.
E tudo brilha em luz e isso tudo me inspira,
Enquanto o Salto rugem em sua forma intensa.

Das matas em silêncio ouço pios, pipios,
Como mistérios do ar excêntricos perfumes
Emanam do vapor das flores, das abelhas.

E pássaros em voo em brilhos luzidios,
E ao longe cuido ver milhões de vagalumes
Iluminando a noite em suaves centelhas.

RIO ETERNO

Arde em meu coração a chama ígnea e sagrada
Quando vejo este Rio a pulsar flamejante.
Impotente a alma fica assim apaixonada,
Dessa força de Deus a uivar altissonante.

Tudo vibra, tem luz, tem vigor e o constante
Da música a tocar de maneira sagrada...
Mais parece que o Rio é o enamorado amante
Que aos roncões d'água tece uma áurea ária encantada

Esse cocar de luz translúcido – diadema
Na frente do Tupi grava um longo poema
Com rimas de cristais que à beleza se inclina.

E a essa força maior de um Supremo Arquiteto
Esse Rio de luz é o brilhante projeto
Com que Deus enfeitou a Noiva da Colina.

DECLARAÇÃO DE AMOR

Quando à distância vejo o esplendoroso Salto,
– Águas a espanejar miríades de estrelas! –
Meu rubro coração eleva-se para o alto,
E emanações de Deus sinto que posso vê-las!

Translúcida visão – e caminhando pelas
Matas cheias de luz, é imenso o sobressalto:
O Mirante flutua em leves passarelas,
E o respirar de Deus toma-me num assalto.

Feliz os passos ponho e onde outrora a beleza
Imortal dos Barões e o fantástico Engenho
Eu tento decifrar na bela Natureza

Esses sonhos azuis na paz que não se acaba.
Por isso trago aqui meu coração e venho
Dizer que te amo além, doce Piracicaba.

CREPÚSCULO

Feliz quando contemplo à meia-luz do Ocaso
O Rio a deslizar em explosões vermelhas.
O Sol, como um Tritão vencido pelo acaso
Vai debruando na tarde aos milhões, as centelhas.

Oh, Rio de uma vida, ao certo tu espelhas
Esse fogo de luz onde o sonho extravasa,
Ou lembras tu, meu Rio, as cantigas mais velhas
Que clarearam-me a infância em assombroso caso...

Que o crepúsculo ao fogo em profusão se nutra,
Pois cuido ver Pacheco, Hugo e Adâmoli à toa,
Extasiados olhando o Rio junto a um Dutra.

E tudo se mistura em murmúrios de prece,
Erotides na flauta executa uma Noa,
No silêncio sem fim finda a tarde... Anoitece.

ESTE RIO

Quando vejo o esplendor deste sublime Rio
– Veia aorta do céu a correr livremente! –
No coração eu sinto um supremo arrepio
Como se água a correr, me fosse o sangue ardente

A correr em meu corpo em suave alvedrio,
Numa paixão de ferro em brasa incandescente.
Pois Ele é minha vida, é meu torrão bravo,
É a alma do índio Tupi nessa dança fremente.

Vives dentro de mim! Corres em minhas veias,
Penetras em minh'alma, o espírito endoidece,
És tu, meu velho Rio, adarvado de ameias,

A correr, a correr num sonho doido, insano,
A galopar em fúria e rezas uma prece
Quando beijas o chão caipiracicabano!

MATINAL

Amanhece. A festiva aleluia do dia
Pinta a manhã que nasce em mil cores festivas.
As aves em bemóis, em doce sinfonia,
Deixam essa visão de mil cores cativas.

A paisagem se mostra – é uma fotografia
Cheia de meios-tons, cheia de cores vivas.
O espetáculo assim eu transformo em poesia
E as rimas surgem como as forças radioativas.

O sol mostra seu disco – é uma hóstia sacrossanta
E a natureza em febre em harmonias canta
E comunga o visão de tão linda miragem.

E o transeunte nem pensa e sequer imagina
Esta linda visão da Noiva da Colina
E ele anônimo segue a sua errante viagem...

SILÊNCIO VESPERAL

No silêncio da tarde o calor sufocante
Deste verão que queima, arde, sufoca, vibra...
Um sol de fogo brilha e no céu se equilibra,
E tudo em derredor é brasa, é luz vibrante.

Sob este fogo ardente o corpo sente a fibra
Da morna lassidão que chega ebricitante.
Dormência, mansa calma, agudez... nesse instante
Uma ave doce e inquieta entre a paisagem libra.

Eu contemplo isso tudo... a mansidão da tarde,
Que enche de meios-tons o imenso céu aberto,
Enquanto, entre bemóis, as aves, em alarde,
Tecem em doce calma a calma melodia...
O Rio além se perde e meu olhar incerto
Contempla a ode feliz desse final de dia.

NOITE A BEIRA RIO

Essa lua no céu a refletir no Rio
Traz uma acinzentada e bela claridade.
Esses raios de luz me causam calafrio
– É coberta de névoa a cobrir a cidade! –

Transeuntes vão aqui e ali – há vozerio
De sorrisos na noite em morna suavidade.
De repente o silêncio, um enorme vazio,
Parece o céu entoar rapsódias de saudade...

E vou pinçando, lerdo, os passos na calçada,
E o rio rola manso em muda madrugada
E as águas em tropel despencam pelo Salto.

Deus respira feliz, em calma doce e imensa!
Abro os braços ao céu e imerso em terna crença,
Meu coração em fogo arremesso para o alto!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA

IVANA MARIA FRANÇA DE NEGRI

Cadeira 33 Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

BODAS DE OURO DA APL

O sonho acalentado por Chiarini
Tornou-se realidade entre louvores
E nesta efeméride tão festiva
Brindemos aos poetas e escritores!

Ilustres contadores da História
Merecem nosso aplauso e toda a glória
Pois eles engrandecem a cultura
Preservam seus escritos a memória.

A palavra foi sempre arma potente
Desde os imemoráveis ancestrais
Na areia, em pergaminhos ou jornais
Dá voz ao povo, às plantas e aos animais.

Escritores dão asas às palavras
Que voam nos espaços siderais
No início eram prensadas em folhetos
Giram hoje em esferas digitais

E é isso que a APL propicia
Conhecimento vasto do passado
Também incentivar novos talentos
Deixar à humanidade seu legado.

ESCREVER POR QUÊ?



Por que e para quem os escritores e poetas escrevem? E por quais motivos? O que move suas mãos para a pena que, enlouquecida, não para de deslizar no papel? Enquanto tentam coordenar os pensamentos que surtam como pipocas estourando uma após outra, os dedos percorrem os teclados procurando avidamente as letras que formarão as palavras que irão traduzir seus pensamentos.

É um momento mágico, sublime! Só os que já passaram madrugadas insones com as ideias latejando na cabeça sabem do que eu estou falando. É uma espécie de febre gostosa, é sentir o espírito verdejante e a alma florida. Aprende-se a ouvir o silêncio e a enxergar a verdadeira essência das coisas. E enquanto não se coloca a emoção para fora, fica uma espécie de dor, de sufocamento, de angústia, que só se afasta quando as palavras fluem, quando a obra vai tomando forma.

E o que dizer do poeta, que vê tudo com olhos de paixão, extasia-se com coisas frugais e coloca a alma na ponta da caneta para trazer à luz seus tesouros ocultos? Feliz dele que consegue acordar os sonhos, comungar as belezas da

vida e traduzir a voz das plantas e dos animais. Às vezes enxerga o mar inteirinho dentro de uns certos olhos verdes.

Poetas não costumam passar sua obra pelos filtros da razão. E ainda conseguem a proeza de encaixar toda cadência do universo infinito no espaço restrito de um só verso.

Com o esboço pronto, vem a sensação de saciedade, de paz, de missão cumprida. Compara-se ao gesto de um famoso escultor italiano, que ao ver sua obra acabada, em êxtase exclamou: “parla!”. Ou ao pintor quando dá a última pincelada no quadro e sente-se um deus diante da obra-prima. E o poeta, assim que termina o poema, se apaixonou perdidamente pela musa.

Que coisa fascinante é trazer à luz um texto como se fosse um filho querido. E depois dividi-lo com o mundo, dar-lhe asas, e deixá-lo voar livremente, para que pouse nas mentes de quem os lê, e frutifique. Escrever é como adejar asas sem tirar os pés do chão. O escritor possui nada, mas ao mesmo tempo é dono do mundo.

Escrever é um ato fascinante. Desde tempos imemoriais, nossos antepassados já careciam dessa comunicação com outras cabeças pensantes e queriam dividir suas criações com amigos ou deixar de herança aos descendentes o que levavam em suas almas, suas experiências, suas sagas. De maneira rudimentar “escreviam” com tintas vegetais nas rochas, com gravetos na areia, e onde mais sua imaginação indicasse. Eram os primeiros e incipientes passos da literatura antes do surgimento dos papiros e da pena, precursores da era da informática, quando o mundo se tornou pequeno e globalizou-se.

Para se escrever bem é preciso ler muito. E para isso é necessário que haja bons escritores. As ideias vão se entrelaçando e cadeias de pensamento coletivo vão se formando

Depois da criação do alfabeto e da literatura, nunca mais a humanidade foi a mesma.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF
Cadeira 35 Patrono: Prudente José de Moraes Barros

GITANA

O inverno chegou. Percebi que algo estava errado comigo. Tosse, febre, rouquidão. A queda brusca da temperatura levou muita gente aos hospitais. Decidi seguir o conselho de um amigo. Fervi água, coloquei açúcar, adicionei cravo, gengibre e canela em pau. Tomei umas duas xícaras daquele chá, com duas aspirinas. Tremendo de frio me enfiei embaixo de dois edredons.

Tenho por hábito todos os dias pela manhã ir até a padaria Jacareí, localizada na esquina da Rua Boa Morte com a Rua São Francisco de Assis. (Essa rua há muitas décadas passadas foi denominada de Rua Saldanha Marinho). Os pãezinhos quentinhos parecem ter um aroma especial. Volto, subindo pela Rua Boa Morte, passo em frente a Estação da Paulista, e logo estou em casa.

Certa manhã, deparei-me com uma mulher, usando um vestido com muitas cores, cabelos loiros, longos, um brinco em forma de argola, muito brilhante, pulseiras douradas, diversos anéis nos dedos, parecia uma versão dos hippies da década de 60 ou 70. Sentada em uma mureta, abriu um sorriso que mostrou alguns dentes recobertos por ouro. Tinha em sua face uns sulcos, aqueles que o tempo traz. Devia ser muito vaidosa, pois tentava disfarçar com a maquiagem um pouco carregada para aquela hora da manhã.

Segui o meu caminho, não trocamos nenhuma palavra.

Degustei o pão quentinho, com um café preto e forte.

Segui para o meu trabalho. No período da tarde, caminhando pela Rua Benjamin Constant, ouvi alguém chamando pelo meu nome. Era o José Carlos de Oliveira, estava em frente a sua joalheria. Sempre foi uma figura marcante. Magro, alto, seu sorriso parecia que tinha aberto a tampa das teclas de um piano. Dentes alvos. Em uma meia hora de conversa abordamos assuntos do passado e do presente. Colocamos nossa pauta em dia.

Sempre admirei o José Carlos! Negro, de origem humilde, família grande, a sua persistência, seu caráter íntegro, o transformara em um comerciante de sucesso e em chefe de família exemplar. Ele, eu, o Belloto, o Novello, o Dimas, o já falecido Alonso, e muitos outros, cujos nomes o tempo retém, fomos por muitos anos coroinhas da Igreja dos Frades. De manhã, todos os dias, ajudávamos na celebração das missas. A primeira começava às 5:30 horas da manhã, depois tínhamos um delicioso café com leite e pão com manteiga. A seguir, jogávamos ping-pong, que hoje denominam com o sofisticado nome de tênis de mesa! Jogávamos futebol. Havia um pomar de plantas frutíferas, que como pequenos gafanhotos devorávamos.

Havia uma sala anexa à sacristia, onde colocávamos sobre a nossa roupa usual, a batina e sobre a batina o roquete, uma veste de tecido branco, rendado que cobria a parte superior da batina. Nos dias comuns a batina era marrom de tecido grosso, aos domingos a batina era vermelha de cetim, e em ocasiões festivas era azul de cetim. Sempre com roquete engomado e impecável. Havia uma disputa não declarada para ser o coroinha que ficava ao lado direito do celebrante. A esse coroinha, cabia segurar a patena, uma pequena bandeja ovalada, logo abaixo do queixo de quem tomava a comunhão. Era quem levava as galhetas de água e vinho para o celebrante. O toque do sino para os fiéis se

ajoelharem ou levantarem-se era da sua responsabilidade. E em cerimônias magnas havia uma disputa entre os coroinhas para carregar o turíbulo, um receptáculo de metal, com brasas ardentes e três correntes. Ao ser balançado, as chamas se avivavam e o celebrante colocava pedrinhas de incenso, formando uma névoa sagrada sobre os fiéis.

Por bons anos, José Carlos e eu frequentamos a Igreja dos Frades. Um dia fui chamado pelo Frei Guardião. Havia chegado a hora de deixar de ser coroinha e caso fosse a minha vontade seguir os estudos em um seminário. Foi uma decisão difícil, mas eu já tinha o desejo de formar uma família. Muitos anos se passaram, até o dia em que o José Carlos me reconheceu e chamou. Conversamos muito, e olhando pelo balcão vi um anel de ouro, que embora pequeno, tinha a superfície retangular, era discreto e muito bonito. Ele percebeu que eu havia gostado, tirou do mostruário e o anel parecia mais bonito ainda. José Carlos, já sabendo da minha resposta, perguntou-me se havia gostado. Disse-me, leve-o! Olhei o preço, e falei que estava fora do meu orçamento. Foi quando ele me ofereceu a possibilidade de poder pagar em três vezes, sem acréscimo. Falou que havia comprado um lote de jóias de um fornecedor novo, e aquele anel veio para ver como o público reagia. Não resisti. Saí dali com aquele anel.

No dia seguinte, voltando à rotina, fui logo cedo buscar os pães. Passei pela cigana, que já me cumprimentava. Percebi que os olhos verdes dela fixaram em meu recém-adquirido anel. Perguntou-me se eu queria vender, eu disse-lhe que não, pois tinha acabado de comprar. E segui meu caminho.

Durante uma semana a cigana sumiu. Fiquei curioso com seu paradeiro, mas sabia que ciganos não criam raízes. No oitavo dia lá estava ela, vestida com capricho, em

suas roupas multicoloridas, jóias reluzentes ao sol. Foi logo me perguntando se havia sentido sua ausência e se eu estava com o anel.

Disse-lhe: “-Achei estranho a senhora desaparecer, mas poderia ter mudado de local”;

Mostrei-lhe o anel em minha mão. Seus olhos ficaram entre verdes e azuis, olhava com paixão aquele aro discreto e exótico.

Ela disse-me então: “ Estive ausente, estudei muito a sua vida, sei seu nome. Suas raízes, familiares, seus amigos, jejei e meditei, você sempre me tratou com respeito e atenção. A propósito, meu nome é Gitana. Vamos trocar presentes: esse seu anel foi da minha família por diversas gerações. Em troca dele, você irá fazer uma viagem muito rara. Às sete horas, passará um trem pela estação. Poucos tem o dom de ver esse trem. Você irá embarcar, ele estará cheio de pessoas que você conheceu. Elas não poderão vê-lo ou tocá-lo. Esse trem irá até São Paulo e voltará no horário que sempre voltou.

Na hora pensei: já não chegam as ligações que recebo todos os dias me oferecendo ofertas imperdíveis, como o golpe do PIX e do bilhete premiado, mas esse é novo para mim!

Gitana olhou-me fixamente, e me falou de forma serena: “-Acredite João!”

Foi pior, gelei. Como ela sabia o meu nome?

“-É fácil. João, temos uma conexão neural.

Entreguei-lhe o anel. O relógio marcava 6:55 horas. Corri para a plataforma de embarque, totalmente vazia.

Às 7:00, um trem parou à minha frente, com muitos carros (vagões são para cargas, carros são os vagões de passageiros). As portas se abriram, entrei e logo se fecharam.

O carro do trem estava com um burburinho imenso

e eu estava literalmente congelado. Imóvel. Testei minha coordenação motora movimentando mãos, braços, constatei que estava vivo. As mesas estavam todas ocupadas, repletas de iguarias e bebidas finas. Na hora, lembrei-me da antiga crença nórdica, cujo destino dos guerreiros era Walhala, onde havia banquetes intermináveis.

Passsei a observar as fisionomias das pessoas. De imediato, em uma mesa enorme, vi os membros da minha família. Estranhamente não chorei, vi que todos estavam muito felizes, conversando, rindo muito. Devo ter ficado um bom tempo contemplando-os. O contato físico era impossível, e nem eles sabiam da minha presença. Caminhei até uma mesa onde estavam sentados João da Curva e seu irmão, cujos nomes cartoriais me reservo o direito de resguardar. Moraram na Rua Alferes José Caetano, próximo à Rua Ipiranga. Tinham histórias fantasiosas. João da Curva tinha fama de caçador e pescador. Isso no tempo em que Piracicaba tinha animais de caça. Munido de sua espingarda de carregar pela boca, foi lá pelas bandas da Rua do Porto, onde os animais iam matar a sede. Havia um veado, que João da Curva estava mirando com sua espingarda. Atirou, mas o bicho foi muito rápido e contornou uma enorme pedra, escapando do tiro. Injuriado, procurou o Zé Ferreiro, ferrador de cavalos, e pediu para que ele fizesse uma curva na sua espingarda. O Zé achou que João estivesse maluco. Mas, habilidoso, atendeu o pedido do cliente.

João montou vigília em local estratégico. Horas de espera, desanimado, eis que surge o veado. João mirou, mediu com o olhar o ângulo correto, e quando o animal passou, percebeu logo o perigo, e virou no mesmo local da pedra. O tiro, seguindo a curvatura da espingarda, atingiu em cheio a ponta do chifre do animal, que correu ainda mais, assustado. Sentados à mesa, estavam o irmão de João

que confirmou a história, e como ouvinte Abel Bueno. Para quebrar o silêncio, João, que após essa façanha passou a ser conhecido como João da Curva, não deixou por menos. Empolgado por sua façanha, disse ter passado pela então relojoaria Muller, na Rua Prudente de Moraes, quase esquina com a Rua Alferes José Caetano e visto um relógio de pulso que era a maior lindeza já vista! Não dormiu naquela noite! Só pensava no relógio. Era vistoso, alemão, todos os dias dava corda, não havia relógios automáticos e muito menos a pilha. No dia seguinte, João da Curva sacou dinheiro que tinha na poupança e adquiriu o tão sonhado bem. Andava com o braço bem exposto. Em uma tarde modorrenta, avisou a mulher que iria pescar. Pescava sempre ali perto de onde hoje é o Museu da Água. Quase cochilando, sentiu um puxão na vara de pesca. Experiência, percebeu que era peixe grande. Tinha que cansar o bicho, então puxava e soltava a linha; foram minutos de luta homem-peixe até conseguir tirá-lo do rio. Era um pintado de uns 10 quilos, ou mais. João da Curva subiu a Rua Moraes Barros desfilando com o seu troféu. Chegando em casa chamou a mulher e a vizinha, que era o WhatsApp da época, a Dona Candinha. João da Curva viveu momentos de grande pescador.

No dia seguinte, veio o desespero. Tinha perdido o relógio. Foi correndo até a barranca do Rio Piracicaba, por umas três horas, procurou seu bem maior. Voltou desconsolado. Jurou que nunca mais iria pescar. Passava os dias jururu, a tragédia o abalara. Sua mulher, Dona Zefinha, fez até promessa para tirar o coitado daquela tristeza. Uns seis meses depois, em um dia ensolarado, João da Curva, cabisbaixo, pegou a tralha de pescar e foi até a barranca do rio. Bem no lugar que costumava ficar. O silêncio só era quebrado pelo barulho das águas. João, recostado em uma

árvore, escutou um suave barulho: tic-tac, tic-tac. Olhou na beira do barranco e para sua surpresa, dependurado em um galho, estava o seu maravilhoso relógio.

Abel Bueno, que até então só tinha ouvido a narrativa, perguntou:

“Mas João, quem dava corda no relógio?”

Muito solícito, João da Curva foi logo explicando: “Tinha um galho menor que roçava no parafuso externo que dava corda”. Foi assim!

Abel não deixou por menos. Foi logo dizendo:

“-Pois comigo aconteceu coisa diferente também! Eu queria pescar um pintado, mas na Rua do Porto só tinha anzol de lambari. Estava muito calor, pensei, vai de lambari mesmo! ”.

E continuou contando: “Lá para baixo tem um grama-do que fica beirando a água, quase no mesmo nível do rio. Joguei o anzol de lambari e segurando a vara de bambu, fiquei na espreita.”

Uns quinze minutos depois, achei que tinha enroscado em alguma coisa. Puxei devagar, veio vindo, percebi que era peixe grande. João, você acredita que o peixe deu um salto e caiu na grama!” Eu não acreditava, pesei, deu doze quilos e meio, era o maior pintado que eu tinha pescado na vida. Não entendia como tinha pescado com anzol tão pequeno. Quem descobriu foi o Zé Queixada (José Silva, protético prático e pescador nas horas vagas). O anzol tinha enganchado em uma cárie do dente do pintado, por isso ele pulou na grama. Ninguém abriu a boca! Era muita mentira de dois pescadores e um caçador!

Essa viagem até São Paulo foi longa, andando pelo trem fui ouvindo muitas histórias, umas factíveis. Outras talvez sim ou talvez não. Quanto à Gitana, nunca mais retornou àquele lugar. Às vezes nos falamos pelo WhatsApp.

Acordei, aquela infusão, a aspirina, e os edredons, fizeram efeito. Eu estava ensopado de suor. Levantei-me, passei um longo tempo embaixo do chuveiro, tinha tido um longo sonho ou era algo diferente? Me sentia muito bem, renovado. A tarde estava agradável, tomei um bom lanche e telefonei para a Glorinha, amiga de infância, que além da formação acadêmica na área da saúde, tinha profundos conhecimentos da espiritualidade humana. Eu queria entender o que havia acontecido comigo. Teria sido apenas um sonho?...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI
Cadeira 36 Patrono: Olívia Bianco

O DIA VAI... A NOITE VEM...

As aves são ornamentos
da nossa mãe natureza,
encantam, são acalentos,
no mundo espalham beleza.

Anunciando o alvorecer
todas desejam bom dia,
demonstrando bem querer
almejando só alegria.

O sanhaço tece o ninho
sabiá canta, gorjeia,
pica-pau rei pica o pinho,
marreca n'água é sereia.

Canário está na paineira,
pombo do mato a chorar
por causa da companheira,
que partiu sem avisar.

Tico-tico mui bondoso
choca os ovos do chupim,
que folgado e preguiçoso
age errado, sempre assim.

Pássaro preto habita
o oco dos coqueirais
e, com a brisa se agita
emite sons celestiais,

Num galho lá da figueira
João de barro fez morada,
toma conta da parceira
teme que seja roubada.

Há perigo na campina
o bem-te-vi anuncia
tem gavião belo, o rapina
oculto, lá do alto espia.

Tuiuiú, mais colhereiro
são aves do Pantanal,
no Tanquã hospitaleiro
revivem berço natal.

Junto ao rio Piracicaba
há garças brancas nas margens
e, essa migração só acaba
quando as cheias são miragens.

“Noiva da Colina” abriga
verdadeiro relicário,
é refúgio, amparo, amiga
das aves, um santuário.

As araras e tucanos
colorem nossos torrões,
estão ficando urbanos
visitando os quarteirões.

Barulhentas maritacas,
aves com sons estridentes
parecidos com matracas,
se fazem sempre presentes.

À tarde tem revoada
das andorinhas, pardais,
que aos bandos em disparada
pousam em áreas centrais.

No canto lá da porteira
a coruja é sentinela
da madrugada altaneira
com luar, que a faz tão bela!

No silêncio repousante
a natureza adormece.
Na pausa gratificante
o mundo inteiro emudece .

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LÍDIA SENDIN
Cadeira 8 Patrono: Fortunato Losso Netto

FELICIDADE

Aquilo que todos queremos
E que é uma raridade,
Como chamamos, nós sabemos,
Seu nome é Felicidade.
E onde mora essa magia?
Onde está essa ilusão,
Que a nossa mente cria,
Que é da vida uma razão?

No sorriso da criança
Que com olhos no futuro
Tem da vida a esperança
Dum caminho menos duro?
Será no abraço do amigo
Quando bate a solidão
E se encontra um abrigo
Pra guardar o coração?

De que adianta procurar
Se ela está à nossa frente
Se ela mora num lugar
Que povoa a nossa mente?
Não é fórmula secreta
Nem é coisa de adivinho
Ela não é uma meta
Está apenas no caminho.

SIMPLICIDADE

Pequena gota
Brilhava ao sol.
Pendurada na flor,
Refletia o mundo.

...a pétala cai
Da rosa em botão.
E a vida se esvai,
Sem saber a razão

TRAVESSIA

“A coisa não está nem na partida nem na chegada,
está na travessia” Guimarães Rosa

Entre o nascer
E o morrer,
Temos a vida
E muito o que fazer
Para preenchê-la.
Coisas boas,
Coisas tristes...
É chegar, crescer,
Pedir carinhos.
Dar amor,
Buscar caminhos
De sorrisos e de lágrimas
Pedir sucessos,
Bancar derrotas.
A vida é assim...
Imprevisível.
Bela, perigosa e
Imperdível!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA

MARIA DE LOURDES PIEDADE SODERO MARTINS

Cadeira 26 Patrono: Nelson Camponês do Brasil

RECANTOS DO MEU RECANTO

Na aparente solidão, melhor diria, na cálida quietude, meu recanto se expande sutilmente ao aureolar de forma graciosa, outros tantos festivos espaços, pequenos oásis a me brindarem com detalhes ornamentais; cores, aromas, vozes do vento e barulhinhos do silêncio inspirador.

Tenho, alternadamente, neste meu jardim encantado, o aconchego do sol e da lua; aquele a me aquecer a alma, esta a afagar solenemente meu Ego questionador.

Finda-se Fevereiro!

Encontro-me a degustar esta tarde, prazerosamente, me distraindo entre a dança do açazeiro com suas folhas bailarinas e os gorjeios das avezinhas. Estas estão a entoar os trinados de boa-noite ao entardecer sonolento.

O orfeão da natureza com diferentes vozes das folhagens, folhas dos coqueiros e palmeiras se prepara à busca de perfeita afinação. Sopranos, contraltos, tenores e baixos acalentam meus ouvidos aguçados. Ao som da maviosa orquestra da passarada os integrantes ficam a disputar envolventes solos!

Assim, desfruto a vida abraçada por este paisagismo acolhedor. Usufruo dos recuos sob as trepadeiras, cantinhos pitorescos, das vielas graciosamente originais, da passagem secreta, como definem meus netos, num beco do aconchegante quintal.

Tudo isso, que mais parece sonho ou invenção existe nos "Recantos do meu recanto".

Aprecio toda essa beleza, exercito meu sonoro caminhar sobre o verde gramado ou pedras decorativas e a cada passo vou observando detalhes repousantes: flores ou frutas das jabuticabeiras plantadas há muito neste pequeno parque familiar; aliso os arbustos, acaricio folhagens solitárias.

Durante a visita cotidiana ao jardim de muitos sonhos, encanto-me ao despertar das verdes folhinhas, o desabrochar de novos botões, o entrelaçar das verdes ramagens preparando-se para um furtivo ato de amor. Posso até apreciar um etéreo cruzamento do puro amor vegetal. Lindíssimo, indescritível momento de paz!

Enquanto vagueio em harmoniosa inércia, meu ativo pensamento leva-me à eflúvios registros do outrora; atraída por lembranças afetuosas, sento-me e me embaloo no “assaz gentil” balanço vermelho centenário, sentindo-me em estado de graça.

A cada novo dia, surpresinhas felizes! Uma delas, o bailado matinal dos beija-flores enquanto se adoçam com o néctar das campânulas roxas, bem à frente da vidraça da sala de visitas. Um verdadeiro cenário cinematográfico!

ABNEGAÇÃO

Tarde luminosa! Quentíssima! Calor de quase quarenta graus!

Estacionei o carro à sombra de frondosa Sibipiruna. Estava pensativa, tinha às mãos resultado de exames e radiografias.

Rumo ao destino fui descendo pela íngreme rampa da clínica. Sentada à porta encontrava-se uma jovem. Ao me avistar à distância veio ao meu encontro, sorridente! Seus

olhos ofuscantes, duas lasquinhas do céu!

Olhou-me demoradamente... De modo angelical indagou-me: – Posso ajudá-la, senhora? —

– Sim, respondi retribuindo-lhe o sorriso generoso.

Com serenidade continuou a me olhar num misto de convicção e curiosidade. De súbito me perguntou: – A senhora entrega poesias?! Vi sua foto no jornal e a reconheci. Bom conhecê-la ao vivo! Foi pena eu não estar na praça para comemorar o “Dia da Poesia”, ainda mais no dia de Castro Alves, como eu fiquei sabendo...

Ao perceber minha emoção cedeu delicadamente a passagem e me apontou o sofá. Argumentou em seguida: – Sente-se, por favor. Vou avisar a enfermeira do seu médico que a senhora está aqui. E foi-se em direção à porta do consultório.

Fiquei a observá-la. Recepcionista do hospital, certamente estava à frente para encaminhar as pessoas. Mas, seu modo de agir, a atitude com relação a cada paciente que ia chegando, me levaram à certeza. Ali estava uma profissional diferenciada; sensível e competente a demonstrar no suave semblante de bem-querer sua verdadeira vocação. O dom de trabalhar com as criaturas humanas não é oferecido a todos. É preciso carisma e desprendimento, alegria e delicadeza e isso ela estava a esbanjar naturalmente.

Não resisti. Levantei-me e fui até ela. Esperei que organizasse uns documentos e perguntei-lhe o nome. —

– Márcia, respondeu-me com singela alegria.

Sentei-me novamente. Continuei a observá-la. Não permanecia imóvel à espera do que fazer ou que a chamassem. Ao contrário, ativa e centrada, com segura agilidade ficava a percorrer o espaço até as pessoas orientando-as, ajudando a se locomoverem, segurando cadeira de rodas, fechando a porta dos carros quando pacientes chegavam

ou saíam. E esta, obviamente, não era sua função.

Fiquei admiradíssima! Quando a vida nos impulsiona a correr, ao nos depararmos sem tempo para as mínimas coisas; ao percebermos constantes falsos esquecimentos quando se tornou normal ignorar os que nos rodeiam, época de um egoísmo acentuado, de descaso ou abuso de poder, ante meus olhos, estava alguém de alma leve, tipo “anjo protetor” a acolher, a abraçar as dores alheias, enfim, a nos mostrar a vida na sua essência, dando-nos exemplo de verdadeiro altruísmo, de um amor deveras fraterno a exemplo de Cristo.

Finalmente fui atendida. Deixei a clínica aliviada por minha condição de paciente saudável. Fiz todo o percurso de volta a pensar naquela jovem dedicada, tão tranquila e feliz ao executar seu trabalho de forma generosa e gentil.

Encontro-me agora no jardim de casa finalizando este texto. Acabei de decidir o que fazer. Vou preparar nova cesta de poesias e a levarei ao hospital. Desejo presentear Márcia, pois sei que tal gesto a deixará muito feliz!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA FILLETT BUELONI
Cadeira 32 Patrono: Thales Castanho de Andrade

CASAS & VISITAS

Quero escrever sobre o saudoso tempo das visitas, ocasiões em que era servido um bolo, um cafezinho, um doce de compota feito em casa, essas delicadezas de antigamente, entremeadas de risos cúmplices, barulhinho da xícara no pires, janelas abertas e toalhinhas bordadas.

Mas as visitas se perderam no tempo. Estão ter-mi-nan-te-men-te proibidas. Imagine chegar à casa de alguém na hora da novela. É crime inafiançável. Bem feito, porque é de bom tom avisar quando se vai à casa de alguém. Dar uma ligadinha antes, combinar um horário, pra você não pegar as pessoas de surpresa.

Danuza Leão define com elegância e educação: não se visita ninguém sem avisar antes e não se telefona para ninguém antes das 10 horas da manhã. Salvo aviso de falecimento. Acho isso de um refinamento elogiável.

Li numa revista que já não se usa mais ter aquela sala separada do resto da casa, aquele espaço todo arrumadinho, decoradíssimo, onde ninguém põe o pé. Tem casa com sala de visita onde não entra nem o papa. É proibido pisar no tapete persa, os quadros são caríssimos, o sofá é de couro legítimo, mas ninguém senta.

Hoje, a moderna decoração pede que se integrem todos os espaços da casa, todos os ambientes devem ser usados, partilhados. Então, que bom, aboliu-se aquela sala intocável, mera vitrine para os olhos. Mas, de nada adianta abrir os cômodos de uma residência, se há poucas visitas, se falta justamente o aconchego, a presença humana.

Perdeu-se o hábito de visitar os amigos e parentes. Além do que, muitas casas viraram prisões, fortalezas de muros, grades e cercas elétricas, fortificações protegidas ao extremo, onde não se sabe se mora gente ali.

Ah, que saudade da minha doce casa, no tempo da infância. O portão da rua, o jardinzinho na frente, a trepadeira de florzinhas cor-de-rosa fazendo sombra no terraço adorado, os bancos de ripas de madeira com pés de cavalos de ferro. Esta fachada era um convite irrecusável para que a visita entrasse. E um tapetinho rústico na soleira da porta trazia a inscrição: Bem-vindo.

Hoje, estamos presos em nossos temores, acuados em nossas desconfianças. Numa rua deserta, cruzar com alguém dá arrepios. Sair de carro à noite, parar no farol, tudo tão arriscado e perigoso. Da rua, para casa. Correndo. Nosso doce lar não é mais aquele ali, pintadinho de ocre, no meio do quarteirão, com garagem e jardineiras na mureta. Quem pode está se mudando para os condomínios fechados.

Mas temos de vencer a paranoia do medo, pelo prazer de sair, de visitar, de viver. De abraçar a quem não vemos faz tempo e dizer aquelas palavras de antigamente, quando as pessoas em mútua bem-querença se cumprimentavam. Havia uma beleza natural nesse encontro. As casas possuíam alma, tinham cheiro de pão fresco, de café, de doce de leite borbulhando na panela, de bolo de fubá saindo do forno lá na cozinha. Tinham gosto de beijo, de abraço, de gente. Gosto de amor. À menção de um “vou indo, já é tarde”, o dono da casa dizia: “É cedo, fica mais um pouco”. E na saída, o visitante ainda ganhava de quebra o tradicional “vê se aparece mais vezes, hein?”. E era sincero.

Ali, no portão da rua, de saída, a visita se demorava um pouco mais, a conversa se estendia e, quase sempre,

uma confiança se revelava. “Por favor, fica entre nós!”. Sim, ficava entre eles o segredo até então guardado a sete chaves. A visita confiava, o dono da casa ouvia de bom grado o que nem gostaria de saber. Mas, enfim, estava feito.

Hoje, nos visitamos digitalmente, as mensagens abreviadas num vocabulário novo, mais rápido e mais ágil, e as visitas de antigamente, o café com bolo, os docinhos, as conversas tão boas e a porta da rua sempre aberta ficaram num passado que não volta mais.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA

MARLY THEREZINHA GERMANO PERECIN

Cadeira 2 Patrono: Jaçanã Althair Pereira Guerrini

O PRAZER DE LEMBRAR

Gosto de escrever sobre um tempo que não posso deixar calado, porque está vivo nas lembranças da minha infância vivida em Piracicaba, depois dos quatro anos de idade. Foi quando os meus pais aqui chegaram após várias remoções, de concurso em concurso, Taquaritinga, Bariri, Capivari. Uma frase ficou-me gravada para sempre: “filha, agora tiramos as rodinhas da mobília.” Eu entendi que chegávamos para ficar, definitivamente. Nunca saí de Piracicaba, salvo em curto período para fazer faculdade em Campinas que terminei viajando, diariamente. Foi assim em todos os cursos. Este é o meu lugar, não deixarei nunca.

Não sei o momento em que ocorreu essa mágica, talvez quando vi o salto de Piracicaba pela primeira vez. Aquele despejar estrondoso da massa líquida sobre a pedreira em escadas me arrebatou para sempre ... ah! como era lindo e farto esse rio, até que lhe roubaram grande parte das águas. Por que deixaram acontecer esse crime? Ainda sonho com o barco chamado Jurema que o meu pai mantinha na rua do Porto, lugar onde brinquei com as crianças locais e aprendi a pescar. É ali que o mais belo pôr do sol incendeia a lâmina d’água, reflete no salto e nas edificações das duas margens. Se por acaso, estiver a deslizar a Barca do Divino Espírito Santo em tarde invernos, toda embandeirada, sob fogos e palmas, banda e folia, então é o êxtase. Não tem igual.

Na década dos anos quarenta do século XX, Piracicaba

era uma cidade de porte médio com fama de culta e aristocrática, como a sua cidade-mãe, Itu. Foi quando comecei a desenvolver pensamento crítico a respeito das coisas, das pessoas e as suas ideias. Não ignoro que vivi a grande ventura de conhecer a cidade do alto, sim, porque percorri as suas ruas e praças a cavaleiro nos ombros do meu pai. No caminho da nossa primeira residência, na rua 13 de Maio, entre a Rosário e a Tiradentes, até a casa do meu avô João Germano, na rua Ipiranga, entre Governador Pedro de Toledo e Boa Morte, íamos conversando e ele me descrevia cenas, apontava pessoas, comentava episódios da terra.

Vivi aqueles tempos como uma bela realidade, onde as coisas me eram passadas com grande colorido por quem era conhecedor de quase toda a cidade. Estabelecia-se um teatro de operações onde os indivíduos tinham o destino de protagonistas das crônicas e pequenas histórias que ele me contava: “este é filho de escravos, o Juca; aquela foi escrava, Nhá Hortência. Ainda: esta é grande doceira, aquela é a filha do doutor tal, este é mau político, aquele é coronel, não importando o partido, fosse da Primeira República o PRP ou o PD, ou da fase getulista, oposição ou situação. Aquele outro fora podre de rico, mas perdeu tudo na jogatina, e havia quem não passava de um carcamano ganancioso.” Invariavelmente, dava nomes aos bois e me inteirava da sociedade da época, ao vivo, junto aos agentes performáticos do enredo que construía e desconstruía. Eu incorporava tais coisas ao meu imaginário, sem me preocupar com a realidade e a sua concretude, pois ainda não aprendera os seus significados específicos, nem sabia avaliar o comportamento ético da sociedade. O devir ensinou-me. Todavia, naquele teatro de operação, visual, urbano e cívico, o destino daqueles personagens me parecia fixado em seu tempo cronológico; guardei na memória.

Hoje, vivo num manancial de tempo em que dispenso o relógio e o calendário, vivo numa pródiga fluidez e passei a pensar literariamente o mundo. O passado, conjugado à memória, permanece como matéria-prima nos temas que trato e Piracicaba está indelevelmente presente. Posso apreciar com calma a grande trama da História.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO
Cadeira 24 Patrono: Maria Cecília Machado Bonachella

DOIS UNIVERSOS SIMILARES: EUCLIDES E GUIMARÃES ROSA

Ambos, Euclides da Cunha e João Guimarães Rosa, autores de *Os Sertões* e *Grande Sertão: Veredas*, consagrados como maiores da literatura brasileira, abordaram o universo mágico e contrastante dos sertões brasileiros, destacando o sertanejo, o jagunço, como personagem central e sua falta de perspectivas dentro de um drama social que até hoje perdura. Os dois autores, captaram com extrema sensibilidade uma realidade, Euclides com fatos reais; Rosa, contando uma história de ficção, com profunda ternura, embora embasada num fenômeno real de uma época em que vigorou o “sistema jagunço”, o qual designava os grupos envolvidos por tensões entre governo e fazendeiros. Fenômeno que durou do final do século 19 às três primeiras décadas do século 20.

Não é minha intenção desenvolver um ensaio sobre as duas obras-primas, o que requereria análise mais acurada, a primeira no contexto histórico da Guerra de Canudos, publicada no início do século 20, e a segunda, publicada há mais de 70 anos, em 1956. Desejo, pura e simplesmente, comentar alguns aspectos que me parecem relevantes e dão margem a muitas “ruminações intelectuais”.

Nessa campanha de Canudos, o autor realiza extraordinário feito. Contratado para cobrir a rebelião a favor do governo, ele desmistifica a campanha política criada em torno do acontecimento e denuncia a barbárie, provando que Canudos não era um problema político, mas uma

questão social. A obra de grande densidade o consagra como um dos maiores escritores brasileiros. Suas descrições pormenorizadas distribuídas em ontológicos capítulos que somam 434 páginas inscrevem-se como tratados para designar uma campanha criminosa e inútil. Ressalte-se, para estabelecer um paralelo com Guimarães Rosa, o jagunço, um tipo brasileiro característico dos sertões, inscrito no 3º capítulo, como dos mais notáveis do livro. “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral(...). É o homem permanentemente fatigado(...) Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude.” E a descrição, com incrível capacidade de visualização arrebatada: “o jagunço é menos teatralmente heróico (comparação com o gaúcho, peleador valente); é mais tenaz, é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro.(...) Calcula friamente o pugilato. Ao riscar da faca, não dá um golpe em falso. Ao apontar a lazarina longa ou o trabuco pesado, dorme na pontaria...” E por aí vai para dizer que o jagunço, antes de recuar, negaceia, sombreado nas tocaias...

Já em Grande Sertão: Veredas, a história do jagunço Riobaldo perdurará para sempre. Em linguagem regional, ela traz um número sem conta de neologismos deliciosos e inventados que narram a própria vida a um interlocutor que anota tudo num pequeno caderno. Em algumas páginas, o leitor se identifica com ele, admirado com sua sabedoria simplista e suas peripécias. A obra não é dividida em capítulos e a densidade da narrativa constitui o auge e a revolução no romance regionalista brasileiro. São 601 páginas de um épico, no qual também não faltam momentos de eletrizantes combates entre os grupos de jagunços. Às voltas com o demônio, Hermógenes, com quem pactuou mas quer vingar-se pela morte de Joca Ramiro, o líder querido

do bando, Riobaldo acaba chefe, mas enfrenta a sedução e a solidão do poder. O amor impossível por Diadorim, um dos membros do grupo é o lado terno e poético da narrativa. O drama social é enfocado com chocante sensibilidade: “O senhor sabe: tanta pobreza geral, gente no duro ou no desânimo. Pobre tem de ter um triste amor à honestidade.” (...) “jagunço é homem já meio desistido por si: Não se escabreia com perda nem derrota” – e sua ética – não maltratava ninguém sem necessidade justa.”

Na obra de Rosa e na boca do jagunço semi-analfabeto, brota filosofia e profundo conhecimento da vida: “a vida da gente faz sete voltas(...) “viver é muito perigoso”, uma frase bastante repetida ao longo do livro, aponta os matizes diversos da grande “travessia da vida”. “O sertão é o mundo”. “O sertão é onde manda quem é forte(...) “Deus mesmo, quando vier, que venha armado”.

Nesses dois universos similares que enfocam com superior grandeza, uma problemática atávica e injusta, centrada em personagens inesquecíveis e candentes, o talento, a maestria, a força poética e descritiva de dois monumentos da literatura brasileira, que deixaram em suas obras todo um manancial de cultura e de ensinamento sobre nosso profundo e misterioso arcabouço étnico-formativo.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA RAQUEL DELVAJE
Cadeira 40 Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende

CANTARES DA TRAVESSIA

(...continuação)

XI

As tristezas, em meu peito cravavam
Lanças profundas, gládios de saudades,
Meu pobre coração, esmiuçavam,
Envolvido em total opacidade...
Em névoas da minha alma que cegavam.

Naquela mesma tarde a maré cheia,
Chorava pelo enterro do meu anjo,
Encontrei uma gruta entre a areia,
Fiz coroa de flores, toquei banjo,
Organizei com frutas, uma ceia.

Senti neste momento tão sozinho,
Um vazio que tomou conta de mim,
Coloquei uma pedra no caminho,
E sentei-me nas cinzas do meu fim.
A saudade açoitava com espinhos.

XII

Um céu rasgou-se na cumplicidade,
Com relampejos, ante a escuridão...
Meus olhos contemplaram claridade,
Num manto escuro sem constelação...
E três dias choveu sem piedade.

É de um tédio que dias eu me arranjo.
Fico olhando a água fina, que caindo,
Dança fatigada ao som do meu banjo.
Eu, lentamente, vejo os dias indo...
Enquanto a vida segue em desarranjo.

Pensamento angustiante pesa em mim.
Lembro-me do teu adeus triste no cais,
Perturbam-me demônio e seus afins,
Saudades que são indômitos chacais,
Que devoram minha alma até o fim.

XIII

O chão das grutas era meu colchão
E as duras pedras eram travesseiros,
O som da chuva como uma canção,
Que depois de tocar o dia inteiro,
Deixa-me contristado em aversão.

E depois de três dias, vi surgindo,
Um sol pintando as cores da alvorada,
Tua presença, teus olhos sorrindo,
Tudo deixa minha alma extasiada...
Nas lembranças que vão me seduzindo.

Desci as rochas que davam pros umbrais
Contudo, não vi a pedra que tapava
A furna, nem vi o anjo nos sombrais...
Senti calafrio que me arrebatava
Em tristezas profundas e reais.

XIV

Durante o dia um sol bem sorrateiro
Beijava bardo, lânguido de dor.
Alma, folhas vazias sem roteiros,
Com um futuro incerto e assustador...
E tendo o exílio como companheiro.

O sono tardou vir na madrugada.
Dançavam na cabeça, pensamentos;
Surgia confiança e fé doirada,
Surgiam sonhos grandes como alento...
Até riscar o céu, doce alvorada.

E levantou um bardo que sonhava,
Tomado de esperanças e certezas,
Certo que o pesadelo dissipava,
Tudo ele via agora com clareza...
Numa nova manhã que irradiava.

XV

Ao despertar a aurora, um condor
Revoava tão baixo e observava,
Um bardo confiante e com ardor,
Que firme em seu propósito lutava,
Enquanto era manhã, em seu labor...

Organizando água e mantimento,
Partiria naquela madrugada...
A pé, um caminhante no relento.
A saudade acompanha na jornada,
Um amor que não sai do pensamento.

E aquele bardo cheio de certezas,
Outrora navegou por oceanos,
Sente-se agora envolto em incertezas.
E no horizonte vai sumindo insano,
Consumido em saudades e tristezas.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA SÍLVIA OLIVEIRA
Cadeira 22 Patrono: Erotides de Campos



TEMPORAL

Esperar.....	Do corpo repleto de ardor.....
Que o tempo se faça oportuno.	Na beleza, no puro afã.....
Na resolução imediata.....	No canto da voz que ecoa.....
De toda lágrima anciã.....	Na feitura desse momento.....
Presente no pranto dos olhos...	Que o tempo se mostre completo.
Da alma exausta da espera.....	Esperar.....

Que o tempo se faça oportuno....
 Na feitura desse momento.....
 Esperar.....Esperar.....
Esperar.....Esperar
 Que o tempo se mostre completo
 No canto da voz que ecoa.....

Da alma exausta da espera.....	Esperar.....
Presente no pranto dos olhos...	Que o tempo se mostre completo
De toda lágrima anciã.....	Na feitura desse momento.....
Na resolução imediata.....	No canto da voz que ecoa.....
Que o tempo se faça oportuno.	Na beleza, no puro afã.....
Esperar.....	Do corpo repleto de ardor.....



CICLOS

Peregrinam palavras por toda minh'alma
encantada por luas, estrelas e mares
residentes nas praias de areia bem alva
e que encontram nas bocas assim os seus lares
Gotas fazem de azul o brilhante oceano
rindo ao sol da manhã e na tarde amarela
inteirando seus dias em ciclo perfeito
navegando paisagens que passam em telas
onde andam gaivotas que cantam no peito

CABALA

Na Cabala
Nada existe realmente
Tudo Muda Sempre
Tudo Se Torna Sempre
Nasce

 Cresce
 Morre
 e
 g d
 u e
Atinge seu a c
 a
 i



Lei do Ritmo em Funcionamento Constante e Contínuo
Realidade Não existe
Na Cabala
Qualidade duradoura

fixidez

Substancialidade

Não existe
Em Nada
Nada é permanente
A não ser
A Mudança
Todas as coisas evoluem e outras coisas se levam e outras coisas
Ação ou Reação

Fluxo ou Refluxo

Criação ou Destruição

Nada real
Nada existe
A não ser
A Mudança

Continuuuummmmmmmmm



SAUDADE

Vamos agora ao que interessa
- a saudade -
aquela saudade boa
que o vento traz, que poussa à toa
suave descansa os sentidos
acalma o coração
depois vai e voa...

Uma saudade boa e doce
- não aquela de perda, de dor
mas a dos tempos bons
das lembranças tantas...

Saudade como pássaro fosse
a cantar o que interessa à alma
a entoar sem pressa
aquele que é o en/canto
sublime e perene do Amor

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA VALDIZA MARIA CAPRANICO
Cadeira 4 Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

RECORDAÇÕES

Ao completar 50 anos de existência, em meio a dificuldades, mas muito carinho, esforço de acadêmicos, as lembranças vão surgindo...

Entre elas, lembro-me, com saudades das nossas reuniões em sala da UNIMEP – Centro, na Casa do Médico...

Mas, voltando um pouco no tempo, quando comecei a frequentar o IHGP – Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – ainda como voluntária, tive a oportunidade de viver bons momentos, ao lado de ilustres personagens e ter deles, o incentivo para lançar o meu primeiro livro!

Depois, vieram outros momentos, onde tive a alegria e a honra de receber convite para ser associada a essas duas instituições – que tanto lutam para preservar e divulgar a história e a cultura de nossa cidade.

Recordo-me, com saudades, de Henrique Cosenza, sempre sorridente e brincalhão, de Hugo Pedro Carradore, de Haldumont Nobre Ferraz – que muito me honraram com seus apoios.

Mas, dois deles são muito especiais até hoje, em minha vida: profa. Marly Germano Perecin, por ser, até hoje, além de amiga, parceira de textos para divulgação de nossa história...

E, Haldumont Nobre Ferraz – o Tiquinho – como era conhecido no Bairro Alto, onde morávamos...

E, dele, tenho uma lembrança muito especial, que só agora compartilho com todos:

Um dia, quando comecei a frequentar o IHGP, o Haldumont me levou para conhecer o espaço ocupado pela Academia de Letras, no mesmo prédio, ao lado das salas do IHGP... e... me disse – nunca esquecerei disso – que ele iria conseguir uma cadeira para mim naquele privilegiado espaço cultural!

Fiquei muito feliz! Honrada por estar nos planos dele me colocar na APL!

Como a vida sempre nos reserva surpresas, quis o destino que eu fosse ocupar, algum tempo depois a cadeira deixada por ele!

Assim é a vida! Tenho grande orgulho por isso! Mas, sinceramente, é claro que gostaria de ter Tiquinho (como o chamava), como amigo, ao meu lado, me incentivando, apoiando...

Enfim, nessas recordações, homenageio também outros acadêmicos que em algum lugar deste Universo infinito, ao lado do Criador, podem viver a ternura, a poesia, o amor verdadeiro...

Mas, as sementes deixadas por eles aqui na Terra, em forma de versos, textos, continuarão brotando, em respeito à VIDA... ao AMOR...

E, que venham mais 50, 100 anos de APL!

Está em nossas mãos continuar a Semear AMOR, ESPERANÇA, AMIZADE, RESPEITO, HUMILDADE, com muita ternura, carinho, às futuras gerações...

Vida longa à nossa ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO VITOR PIRES VENCovsky
Cadeira 11 - Patrono: Jorge Anéfalos

SER PRESIDENTE

Os compromissos assumidos pelos presidentes vão muito além do que estabelecem os estatutos sociais das instituições que presidem. De um lado da balança estão as responsabilidades definidas pelos estatutos e, do outro lado, os sonhos que guiam as ações em direção a um futuro diferente. O equilíbrio entre estes dois lados tão diferentes, que envolvem razão e emoção, é fundamental para que os presidentes façam uma boa gestão.

Manter esse equilíbrio não é uma necessidade definitiva e obrigatória, pois a cada momento da vida de uma instituição a balança pode pender mais para um lado do que para o outro. E é a partir desta lógica que a história das instituições são construídas pelos seus presidentes, diretores e associados.

A importância dos primeiros passos

Em pronunciamento durante a Assembleia Geral da APL realizada no dia 27 de janeiro de 1990, registrado no livro de atas, o presidente Miguel Angelo Ciavareli Nogueira dos Santos enalteceu a memória de Dr. João Chiarini ao afirmar “que não tínhamos o direito de termos sonhos pobres, porque o fundador da Entidade sempre os tivera ricos e agira pensando alto”.

Esta homenagem feliz demonstra a importância do posicionamento dos fundadores no momento de criação de uma instituição, como foi o caso da Academia Piracicabana de Letras . Além de sonhar, é necessário agir e participar ativamente com grandeza.

Presidentes da Academia Piracicabana de Letras

Neste momento em que a Academia Piracicabana de Letras comemora seu Jubileu de Ouro, é importante registrar um resumo das qualificações dos seis presidentes que estiveram na condução das reuniões, eventos institucionais e principais realizações da APL nos últimos 50 anos.

1972 – 1988: João Chiarini



Nasceu em Piracicaba, São Paulo, em 17 de novembro de 1919. Foi professor, vereador, advogado, escritor e folclorista. Formou-se professor pela Escola Normal Sud Mennucci em 1941. Fundou em 1972 a Academia Piracicabana de Letras, atuando como presidente entre 1972 e 1988. Faleceu em Piracicaba em 2 de dezembro de 1988. Seu nome ficou eternizado na Escola Estadual Prof. Dr. João Chiarini, localizada no bairro Vila Fátima, Rua Jordão Martins, 280, em Piracicaba.

1988 –1989: Haldumont Nobre Ferraz (interino)



Nasceu em Piracicaba, São Paulo, em 2 de dezembro de 1927. Foi escritor, vereador, genealogista, historiador e contabilista. Presidiu a Academia Piracicabana de Letras, entre 1988 e 1989, e o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, entre 2002 e 2006. Faleceu em Piracicaba em 13 de janeiro de 2008. Seu nome ficou eternizado na Escola Municipal Prof. Haldumont Nobre Ferraz, localizada no bairro Vem Viver, Rua Fernando Novello, s/n, em Piracicaba.

1990 – 1993: Miguel Angelo Ciavareli Nogueira dos Santos

Nasceu em 29 de novembro de 1953. Possui graduação em Bacharel em Direito (1976) e mestrado em Direito pela Universidade Metodista de Piracicaba (2000). É Promotor de Justiça Estadual do Ministério Público do Estado de São Paulo. Presidiu a Academia Piracicabana de Letras entre 1990 e 1993.

1994 – 2009: Antonio Henrique Carvalho Cocenza

Nasceu em Paraisópolis, Minas Gerais, mas passou a sua juventude na cidade vizinha Cristina. Foi escritor, pro-

fessor, advogado e farmacêutico. Em 01 de julho de 2005, recebeu o título de Cidadão Piracicabano. Presidiu a Academia Piracicabana de Letras entre 1994 e 2009. Faleceu em Piracicaba em 31 de dezembro de 2010 aos 73 anos. Seu nome ficou eternizado na Rua Doutor Antonio Henrique Carvalho Cocenza, localizada no bairro Ondas, em Piracicaba.

2009 – 2015: Maria Helena Vieira Aguiar Corazza



Nasceu em Piracicaba, São Paulo, no dia 12 de agosto de 1937. É escritora, articulista do Jornal de Piracicaba desde 1960 e co-fundadora da Academia Piracicabana de Letras. Presidiu a Academia Piracicabana de Letras entre 2009 e 2015. No início de sua primeira gestão frente à APL foi publicada a primeira edição da atual Revista da Academia Piracicaba de Letras.

2015 – 2018: Gustavo Jacques Dias Alvim

Nasceu em Vera Cruz, São Paulo, no dia 27 de setembro de 1936. Foi Advogado, jornalista, esportista e escritor. Graduou-se em Sociologia e Política, Direito, Administração e Jornalismo, além de Mestrado em Educação, Doutorado em Comunicação e Semiótica e Especialização em Administração Universitária. Foi vereador, presidente da Câmara de Vereadores de Piracicaba e reitor da Universidade Metodista de Piracicaba. Presidiu a Academia Piracicabana de Letras entre 2015 e 2018.

APL EM AÇÃO 2021/ 2022

2021

A escritora Carmen Pilotto percorre as “Geladeirotecas” da cidade para doação de livros.

O Dia da Poesia foi comemorado com o projeto “Poema na Caixa” e o convite veio através da acadêmica Silvia Oliveira. Poesias foram distribuídas em várias caixas de correio da cidade.

Dia da Poesia teve página dupla na coluna Prosa & Verso da Tribuna Piracicabana em comemoração à data festiva. Página coordenada pelas acadêmicas Carmen Pilotto e Ivana Negri

A acadêmica contadora de histórias, Carmelina Toldedo Piza, agita o meio internético com suas lives, contação de histórias e entrevistas.

Em 20 de abril o presidente da Academia Piracicabana de Letras, Vitor Pires Vencovsky, participou de um bate-papo virtual com o vereador Pedro Kawai falando de Tiradentes: Herói ou vilão?

Membros dos grupos literários e da Academia Piracicabana de Letras participaram de uma ação que levou música e mensagens positivas e de agradecimentos aos profissionais que trabalham na linha de frente nos hospitais.

O acadêmico Edson Rontani Junior promoveu várias lives em comemoração ao aniversário da Revolução Constitucionalista de 1932

Os presidentes das Academias Paulistana e Piracicabana de Letras, José Renato Nalini e Vitor Pires Vencovsky, debateram o futuro da Literatura e das Academias de Letras em live promovida pela APL, com mediação de Edson Rontani Jr.

O presidente da Academia Piracicabana de Letras, Vitor Pires Vencovsky, recebeu a Medalha Prudente de Moraes. A indicação foi por sua dedicação à história, cultura e pesquisa. A entrega aconteceu pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) entidade que presidiu, através de live da página da Academia Piracicabana de Letras pelo Facebook.

Em evento, Carmelina de Toledo Piza, Cecilio Elias Netto e Carlos ABC participaram de uma roda de conversas sobre figuras folclóricas de Piracicaba em comemoração ao aniversário da cidade.

Caminhos Literários, primeiro evento literário presencial pós pandemia, aconteceu nas dependências do Engenho Central, idealizado pela acadêmica Elisabete Bortolin, teve roda de conversas com escritores, lançamento de livros, distribuição de kits, contação de histórias e doação de livros. Evento realizado pela SEMAC em conjunto com várias entidades literárias, CLIP, GOLP, APL, IHGP, AHA, Biblioteca Municipal, Museu Martha Whatts, Museu Prudente entre outros.

A acadêmica Valdiza Maria Capranico relançou seu livro infantil “Sapucaia da Paz” a convite do Secretário Municipal de Defesa do Meio Ambiente, José Otavio Menten. Realizaram o plantio de mudas no bairro Cam-

pos do Conde e foi dado o nome ao local do plantio de “Praça da Sapucaia da Paz”

O acadêmico da APL e orador do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Armando Alexandre dos Santos fez um pronunciamento saudando o 7 de Setembro, data magna comemorativa da Independência do Brasil, no Centro Cívico de Piracicaba.

As acadêmicas Carmen Pilotto e Ivana Negri foram convidadas por Bruno Chamochumbi a falar sobre seus projetos literários na Rádio Jovem Pan News.

Carmelina Toledo Piza lançou o livro “Constelações, Deusas e Mandalas” em live.

Vitor Pires Vencovsky, presidente da Academia Piracicabana de Letras, participou como jurado do Concurso de Poesias Gustavo Teixeira na cidade de São Pedro.

O livro para crianças “A Lenda da Cobrona” da escritora e acadêmica Ivana Maria França de Negri com ilustrações de sua neta Ana Clara de Negri Kantovitz foi lançado na Biblioteca de Piracicaba e faz parte da coleção Lendas de Piracicaba editadas com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

O acadêmico e escritor Armando Alexandre dos Santos recebe o título de Cidadão Piracicabano concedido através do vereador Pedro Kawai.

Nos dias 17 e 19, foi apresentado às crianças dos segundos e sextos anos o Livro da Lenda da Cobrona, a convi-

te das coordenadoras e professoras do Colégio Objetivo, que trabalharam com elas as lendas de Piracicaba. A acadêmica Ivana Maria França de Negri autografou o livro para cerca de 120 crianças durante o evento “Encantos de Piracicaba”.

Vários acadêmicos participaram do Sarau Poético em Limeira no dia 9 de dezembro.

No dia 11 de dezembro aconteceu nas dependências do IBA (Instituto Beatriz Algodal) a confraternização dos acadêmicos da APL (Academia Piracicabana de Letras) juntamente com escritores dos grupos literários CLIP e GOLP (Centro Literário e Grupo Oficina Literária de Piracicaba).

2022

A acadêmica Ivana Maria França de Negri, autora do livro para crianças “A Lenda da Cobrona” teve a lenda contada por Monika Magno no Museu Histórico e Pedagógico de Piracicaba, onde foram distribuídos exemplares para as crianças que participaram do Projeto Férias no Museu.

A acadêmica Marly Therezinha Germano Perecin apresentou seu mais novo livro, “As Luzes do Vale”, através de live pelo canal do Youtube do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

A contadora de histórias e acadêmica Carmelina de Toledo Piza encantou a todos numa tarde especial na

Universidade Aberta à Terceira Idade da Unimep, onde apresentou seu novo livro *Constelações das Deusas e das Mandalas*.

O acadêmico Edson Rontani Junior promoveu uma live através de seu canal “A Foto e a História” sobre o Bicentenário de Piracicaba.

A Academia Piracicabana de Letras, através do presidente Vitor Pires Vencovsky e toda diretoria, recebeu Moção de Aplausos pelos 50 anos de existência outorgada pelo vereador Pedro Kawai.

O jornal A Tribuna Piracicabana, através do seu editor Evaldo Vicente, editou um suplemento especial em cores sobre os 50 anos da APL

A acadêmica, contadora de histórias e ilustradora Carmelina de Toledo Piza promoveu exposição de suas ilustrações homenageando as mulheres no Dia Internacional da Mulher, na sede da APM (Associação Paulista de Medicina) durante todo mês de março.

Uma live em comemoração ao cinquentenário da APL foi ao ar através da página no Facebook, com a palavra do presidente, Vitor Vencovsky, do vice-presidente Cassio Camilo Almeida de Negri e outros acadêmicos.

O presidente da Academia Piracicabana de Letras Vitor Pires Vencovsky, juntamente com os acadêmicos Aracy Duarte Ferrari, Carmen Fernandez Pilotto, Evaldo Vicente e Maria de Lourdes Soderó Martins, a convite do presidente da Academia Paulista de Letras na gestão que

terminou, José Renato Nalini, esteve em São Paulo para a posse de nova acadêmica, a escritora Bete Milan .

Edson Rontani Junior apresentou uma live sobre Nélío Ferraz de Arruda, que assumiu a prefeitura de Piracicaba após o falecimento do prefeito Luciano Guidotti em 1968, resgatando a memória da cidade através do site “A Foto e a História”

Edson Rontani Junior foi convidado pela diretoria da Associação Piracicabana de Cirurgiões Dentistas de Piracicaba APCD a palestrar, dia 21 de abril, sobre Tiradentes e relação de Conjurador com os Rezende de Piracicaba.

No dia 27, aconteceu a noite de autógrafos do “Antes do Depois” do acadêmico Walter Naime, na ACIPI (Associação Comercial e Industrial de Piracicaba)

Na festa do Dia das Mães, no Grupo dr. Prudente, um jogral foi montado pelos alunos, a partir de um poema da acadêmica Ivana de Negri.

O historiador e acadêmico Armando Alexandre dos Santos, a convite da Biblioteca Nacional, proferiu palestra com o tema “Isabel, a princesa que não chegou a reinar”.

A acadêmica Carmelina Toledo Piza foi uma das juradas do Concurso Cultural organizado pela Cardiologista Juliana Previtalli sobre os malefícios do tabaco.

O presidente da APL, Vitor Pires Vencovsky, lança seu livro “Ferrovias do Agronegócio” na Estação da Paulista

O acadêmico Ézio Antonio Pezzato lança o e-book *Estação da Paulista – Relatos de uma História*

O acadêmico Edson Rontani Junior, atual presidente do IHGP, lançou o livro *“A Foto e a História”* no Museu Histórico e Pedagógico de Piracicaba.

A acadêmica Leda Coletti autografou seu livro *“Cirandando e Evocando Lembranças”* na Biblioteca Municipal de Piracicaba.

A acadêmica Carmen Pilotto e o fotógrafo Benedito Liborio inauguraram a exposição *“A Gosto”* em comemoração ao aniversário de Piracicaba, no Museu da ESALQ. Teve palestra da historiadora Marly Percin, apresentação do Coral da Esalq com regência da maestrina Cintia Pinotti e contação de histórias por Carmelina T. Piza.

A acadêmica Marly Therezinha Germano Percin proferiu palestra e lançou o livro *“Uma Comunidade do Oeste Paulista – Os 200 anos de Instalação da Câmara Municipal da Vila Nova da Constituição, 1822”* durante as festividades do bicentenário da Câmara de vereadores de Piracicaba.

DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS
TRIÊNIO: MAIO DE 2018 A ABRIL DE 2021

Presidente – Vitor Pires Vencovsky

Vice-Presidente – Cassio Camilo Almeida de Negri

Primeira Secretária – Ivana Maria França de Negri

Segunda Secretária – Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

Primeiro Tesoureiro – Edson Rontani Junior

Segundo Tesoureiro – Waldemar Romano

Bibliotecária – Aracy Duarte Ferrari

Conselho Fiscal – Andre Bueno Oliveira

Alexandre Neder

Walter Naime

Editor e Jornalista Responsável – João Umberto Nassif

GALERIA ACADÊMICA

Alexandre Sarkis Neder – Cadeira n° 13 – Patrono: Dario Brasil

André Bueno Oliveira – Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

Antonio Carlos Fusatto – Cadeira n° 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

Vago – Cadeira n° 15 – Patrono: Archimedes Dutra

Aracy Duarte Ferrari – Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion

Armando Alexandre dos Santos – Cadeira n° 10 – Patrono: Brasília Machado

Barjas Negri – Cadeira n° 5 – Patrono: Leandro Guerrini

Carla Ceres Oliveira Capeleti – Cadeira n° 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

- Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto** – Cadeira n° 19 –
Patrono: Ubirajara Malagueta Lara
- Carmelina de Toledo Piza** – Cadeira n° 29 – Patrono: Laudelina
Cotrim de Castro
- Cássio Camilo Almeida de Negri** – Cadeira n° 20 – Patrono:
Benedito Evangelista da Costa
- Vago** – Cadeira n° 12 – Patrono: Ricardo Ferraz de Arruda Pinto
- Edson Rontani Júnior** – Cadeira n° 18 – Patrona: Madale-
na Salatti de Almeida
- Elda Nympha Cobra Silveira** – Cadeira n° 21 – Patrono: José
Ferraz de Almeida Junior
- Elisabete Jurema Bortolin** – Cadeira n° 7 – Patrono: Helly
de Campos Melges
- Ésio Antonio Pezzato** – Cadeira n° 31 – Patrono: Victorio
Ângelo Cobra
- Evaldo Vicente** – Cadeira n° 23 – Patrono: Leo Vaz
- Vago** – Cadeira n° 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Ju-
nior
- Gregorio Marchiori Netto** – Cadeira n° 28 – Patrono: Delfim
Ferreira da Rocha Neto
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira n° 33 – Patrono: Fer-
nando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira n° 1 – Patrono: João
Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira n° 34
– Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif** – Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente
José de Moraes Barros
- Leda Coletti** – Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco

-
- Lídia Varela Sendin** – Cadeira n° 8 – Patrono: Fortunato Losso Netto
- Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins** – Cadeira n° 26 – Patrono: Nelson Camponês do Brasil
- Maria Helena Vieira Aguiar Corazza** – Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz
- Marisa Amábile Fillet Bueloni** – Cadeira n° 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade
- Marly Therezinha Germano Percin** – Cadeira n° 2 – Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini
- Mônica Aguiar Corazza Stefani** – Cadeira n° 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira
- Myria Machado Botelho** – Cadeira n° 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela
- Newman Ribeiro Simões** – Cadeira n° 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres
- Vago** – Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca
- Paulo Celso Bassetti** – Cadeira n° 39 – Patrono: José Luiz Guidotti
- Raquel Araujo Delvaje** – Cadeira n° 40 – Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende
- Sílvia Regina de Oliveira** – Cadeira n° 22 – Patrono: Erotides de Campos
- Valdiza Maria Caprânico** – Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz
- Vitor Pires Vencovsky** – Cadeira n° 30 – Patrono: Jorge Anéfalos
- Waldemar Romano** – Cadeira n° 11 – Patrono: Benedicto de Andrade
- Walter Naime** – Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

